

Divisão de Bibliotecas e Arquivo | CMB
Guia Documental do Arquivo do Cineclube do Barreiro

DBA | CMB caderno 04/2011



PREFÁCIO

No sentido de dar continuidade à actividade de divulgação de fundos documentais que o Município do Barreiro tem vindo a tratar e organizar, é com prazer que lançamos o Caderno nº4 – Guia Documental do Arquivo do Cine Clube do Barreiro.

Neste âmbito, o Município do Barreiro tem vindo a fazer esforço por sensibilizar organismos públicos e privados do concelho, para a necessidade de organizarem e preservarem os seus arquivos documentais, como forma de perpetuar a memória de quem os produziu, e assim integrarem a memória histórica do Barreiro.

Este projecto enquadra-se numa das iniciativas levadas a cabo pelo serviço de Arquivo da CMB, que consiste na salvaguarda, tratamento e divulgação de espécies documentais que apresentem valor histórico-cultural para o concelho.

Assim, no seguimento do interesse demonstrado pela direcção do CCB, é nosso propósito contribuir para a salvaguarda e preservação do património documental desta associação, que tem contribuído para a formação cinematográfica do Concelho.

Atendendo a que o espólio do CCB já se encontra devidamente organizado, tratado e disponível à comunidade, cumpre-nos desejar que esta edição sobre o Espólio do Cine Clube, contribua para fomentar o interesse por esta associação.

O Presidente da Câmara

Carlos Humberto Carvalho

PREFÁCIO

O Cine Clube do Barreiro valoriza o seu arquivo documental, como uma fonte da histórica cultural, cívica e do desenvolvimento da sociedade barreirense desde meados do século XX. Com este propósito, vê no estabelecimento desta parceria com a Câmara Municipal do Barreiro e Arquivo Municipal a garantia da sua salvaguarda para a memória colectiva do concelho.

Como fonte de conhecimento, poderá ser utilizado por todos os que, por mera curiosidade ou por intenção de estudo do singular processo sócio-cultural da sua gente, pretendem documentar-se sobre a vida associativa, em período de intensa actividade de resistência à ditadura, onde encontrará abundante e diversificada informação sobre o seu papel no viver colectivo local, sob a influência do forte desenvolvimento tecnológico das indústrias químicas, siderúrgica, metalomecânica, naval e ferroviária da cintura da baía do Tejo.

O Cine Clube do Barreiro, tendo o cinema como objecto principal do existir, enraizou a sua acção formativa na defesa e divulgação da Arte das Imagens em Movimento em função da sua força cultural na sua relação com todas as Artes, numa constante procura de verdade e beleza. O seu nascimento resulta do desenvolvimento do associativismo no Barreiro, assente nas suas múltiplas formas e actividades criativas, que à falta de uma Academia das Artes local, fez do encontro com o cinema o pólo aglutinador das experiências e práticas de animadores culturais, de sólida e formação cívica e humana, adquirida nas bibliotecas associativas, nos

boletins culturais, no teatro amador, nos concursos de cinema amador, na fotografia, na disponibilidade de jovens de recente licenciatura, agregando uma nova estrutura associativa, o saber colectivo que apoiava no cinema, elevou o viver quotidiano da sociedade barreirense.

Os cursos de cinema que organiza, sob a forma de palestras/debates familiarizam os participantes com a linguagem cinematográfica, com a literatura, a fotografia, a animação das imagens, a poesia, bem como, com os muitos concertos musicais, as sessões teatrais, as exposições de pintura, de desenho, sempre empenhado na emancipação da mulher, na defesa dos direitos da criança, ilustram bem o papel exercido pelo Cine Clube do Barreiro, na transformação cultural da Sociedade Barreirense, ao longo dos seus 52 anos.

O Mundo atravessa hoje uma época de profundas alterações estruturais, cujos efeitos nas relações económicas e sociais dos países mais ricos com os outros as quais reflectem a decadência de um sistema social globalizado, incapaz de fazer face ao desfasamento entre o uso acelerado de novas tecnologias e a vertiginosa desmobilização da população activa conduzindo a níveis de degradação do bem-estar material e moral das sociedades.

Em todo o Ocidente, onde vivemos, as “elites” instruídas não estão a conseguir sustentar o rebaixamento moral e ético resultante da implementação do “pensamento único neo-liberal” assente na mediocridade, na frivolidade, na idiotice, fortemente promovidos pelos “média” padronizados.

As novas gerações estão a ser influenciadas pela promoção do desprezo pelos valores da dignidade, da solidariedade nacional, dos princípios da ética, cada vez mais afastados do estudo e fruição das Artes, do estudo da estética, ciência que tem um papel activo na construção do Belo.

O cinema que circula no nosso País, produzido quer na Europa ou nos Estados Unidos, padronizado pelo figurino “made in Hollywood” carece em grande medida de valor estético, banaliza a violência, a dignidade nas relações humanas, promove o misticismo obscurantista, é vazio de verdade e de beleza.

De 2001 a 2009 o número de espectadores em Portugal desceu de 19 449 000 para 15 704 590, redução que evidencia a sua carência de qualidade. Neste quadro, os Cine Clubes encontram grandes dificuldades na selecção da sua proposta de programação, que não sendo elitista possa atingir a grande massa de espectadores, que procura o prazer lúdico do cinema.

Apesar disso, continuam a surgir, em todo o país, novos cineclubes, constituindo-se numa significativa rede de cerca de 40 estruturas associativas, alternativa de divulgação de cinema, sem fins lucrativos, com propósito cultural apenas.

Neste sentido o Cine Clube do Barreiro dedica uma permanente atenção à defesa do cinema português, não só quanto à sua divulgação em geral, mas também aos critérios de selecção que visam apoiar as produções que expressam a realidade nacional quer na ficção, no documentário, na animação ou na divulgação do cinema e das outras Artes.

No corpo de fundadores devem ser identificados, para além da sua comissão instaladora perfeitamente citada, neste registo documental, outros que deram sustentabilidade e projecção ao novo projecto associativo:

António Porfírio, António Macedo, António Claro, António Rocha Alves, Aníbal Pereira Fernandes, António Mira, Afonso Alves, Álvaro Monteiro, Artur David, Cândido Manuel Santos, Carlos Mendes, Daniel Cabrita, Domingos Gutierres, Eugénio Bento, Hélder Madeira, Helena Pereira Cabrita, Henrique Martins, João Assunção, João Telmo, Joaquim Guerreiro, José Guilherme, José Lança Pereira, José Simões Nazário, José Oliveira Fernandes, Júlio Freire, Juvenal Fernandes, Maria Manuela Covas, Pedro Rocha Alves, Raúl Malacção, Reinaldo Bravo, Romeu do Rosário e Vítor Cardoso.

Para eles o nosso reconhecimento.

Pela Direcção
Armando José da Cunha Santos

O Cine Clube do Barreiro

Ao escrever sobre a emergência dos Cineclubes e/ou do movimento cineclubista, é imperativo fazer uma breve alusão à história do cinema, universo que lhe deu origem. Os aparelhos que precederam o aparecimento do cinematógrafo, a par da fotografia desenvolvida por Louis Daguerre e Joseph Nicéphone Niepce, permitiram o desenvolvimento de práticas e técnicas na área da captação e análise do movimento, o que representou um avanço decisivo para o aparecimento do mecanismo cinematográfico. Com o aparecimento do cinematógrafo, em 1895, pelos irmãos Auguste e Louis Lumière¹, cuja natureza permitia a ilusão do movimento, o cinema surge como uma arte da representação, situação patente no cinema anti-teatral praticado nos inícios do séc.XX. O que fascinava o espectador do cinematógrafo era a possibilidade de assistir a “...imagens a mexer e não apenas imagens de coisas que mexem”, e ainda “...pela representação realista do mundo, o espectador vê-se interpelado culturalmente, pelo reconhecimento de certos padrões de interpretação”². Embora tenha havido uma demonstração prévia do cinematógrafo, é consensual que a sua primeira apresentação comercial, tendo implicado a cobrança das entradas, ocorreu em 28 de Dezembro de 1895, no Grand Café, em Paris, com a exibição do filme “La sortie des usine Lumière”, que embora sendo uma produção rudimentar, marcou para sempre o início da História do Cinema³.

Quanto à asserção do cinema como “a sétima arte”, condição de legitimidade artística e cultural, ficou a dever-se a Ricciotto Canudo, um intelectual italiano radicado em França, com a publicação do “Manifeste

¹ Aparelho geralmente associado aos irmãos Lumière, no entanto, terá sido Léon Bouly, em 1892, o autor da sua invenção, o qual terá perdido a patente, mais tarde registada pelos irmãos Lumière.

² Cf. Grilo, João Mário, *As Lições do Cinema*, Manual de Filmologia, Ed. Colibri, Lisboa, 2007, p.25.

³ Cf. Leprohon, Pierre, *Histoire du Cinéma (1895-1930)*, Ed. du Cerf, p.22-27.

des sept arts”, a 28 de Março de 1911. Neste manifesto, Canudo procurava colocar o cinema ao nível das designadas artes do espaço, como a arquitectura, escultura e pintura, bem como as artes do tempo, como a música, dança e poesia. O cinema seria a sétima arte, na visão de Canudo, definindo-a como “...uma nova espécie de racionalidade e representação”⁴, embora desprovido do som da palavra, característica do cinema mudo. A partir de 1927, com o advento do som nos EUA, o universo cinematográfico altera-se profundamente com a institucionalização industrial e comercial do chamado “Cinema Sonoro”. Os anos 30 do séc. XX, consolidaram os grandes estúdios e consagraram as grandes estrelas de Hollywood, abrindo um caminho irreversível ao progresso das técnicas de produção e representação cinematográfica. No entanto, nos anos imediatamente a seguir, a postura para com as novas técnicas e formas de representação cinematográfica, foi no geral, de resistência. O actor Charlie Chaplin ao manter-se silencioso até aos anos 40, ilustra essa realidade. Cineastas russos, como Eisenstein, Pudovkin e Alexandrov, também se manifestaram sobre o cinema falado, em 1928, com o “manifesto sobre o sonoro”, sobretudo revelaram-se contra a sincronização do som com a imagem, conscientes de que o poder da palavra, poderia sobrepor-se à imagem real visualizada. Essa posição era sustentada pela realidade vivida na Rússia Soviética naquele período, em que o cinema era utilizado como instrumento do poder político, desde a Revolução de Outubro de 1917. A verdade é que o som e os diálogos das imagens eram entendidos como uma ameaça, o que fez despoletar um sentimento geral de inquietação face a esta nova forma de comunicar e de impressionar. Todavia, a partir da 2ª Guerra Mundial, o cinema passa a ser

⁴Grilo, João Mário, *As Lições do Cinema, Manual de Filmologia*, Ed. Colibri, Lisboa, 2007, p.48.

visto como o mais eficaz meio de educação de massas e de transformação social⁵, visão conducente à sua utilização pelos cineastas, à escala planetária, como um instrumento de propaganda, de combate directo e indirecto.

Em suma, volvidos poucos anos, conscientes da irreversibilidade do processo de evolução do cinema, e de eventuais vantagens no aproveitamento das suas potencialidades, as produtoras cinematográficas em geral, aderiram ao conotado de “cinema novo”, grosso modo, usaram e abusaram do poder de persuasão do novo mecanismo de comunicação. Entendido como espectáculo de massas, o cinema não deixou indiferentes os homens ligados à cultura, que viam nele, para além de uma dimensão lúdica, uma dimensão pedagógica. Neste contexto, também a elite cultural portuguesa sentia responsabilidades de intervenção. Um dos modos de intervenção mais significativo foi representado pelo movimento cineclubista, que a partir de 1948 ganhou especial relevo no país, não somente pela quantidade de Cine Clubes que emergiram, mas pela intensa actividade que exerceram junto das populações.

⁵ Ibidem, p.42-75

O nascimento e expansão do movimento cineclubista

Terá sido o francês Louis Delluc, jornalista, escritor e ensaísta da 7ª arte, o autor do termo “Ciné-Club”, com a criação e publicação do “Le journal du Ciné-Club”⁶, em 1920, cuja finalidade era a divulgação da programação das salas de cinema. Um ano depois, Delluc criou uma associação que baptizou com o mesmo nome, “Le Ciné-Club”, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento do cinema francês⁷. Assim sendo, é consensual afirmarmos que o movimento cineclubista nasceu em França, mas rapidamente se disseminou pelos vários cantos do mundo. No caso português, foram muitos os Cineclubes que proliferaram por todo o país, sobretudo no período compreendido entre 1948 a 1958, considerado o período áureo do seu desenvolvimento. O crescimento económico verificado a seguir à Segunda Guerra Mundial, proporcionou o aumento da taxa de industrialização do país (cortiça, conservas, têxteis), a redução acentuada da taxa de analfabetismo, e naturalmente, o despoletar de exigências e interesses por parte de indivíduos cada vez mais esclarecidos, condições favoráveis à incrementação e desenvolvimento da cultura cinéfila. Por outro lado, o movimento cineclubista era influenciado pelo trabalho ideológico do Partido Comunista Português, na defesa dos ideais marxistas “realismo socialista”, que através do cinema, ocupou um papel central no combate de ideias, no país e no mundo⁸.

Assim, em 1945 foi criado o Clube de Cinematografia, mais tarde Cine-Clube do Porto, o qual constituiu a primeira manifestação nacional do movimento cineclubista. Outros Cineclubes foram fundados ainda na

⁶ Actualmente, há quem defenda que foi Edmond Benoît-Levy que, em 1907, utilizou pela primeira vez o termo, ao anunciar a criação do primeiro “Ciné-Club”, na revista Phono-Ciné-Gazette, da qual era director.

⁷ Pinel, Vincent, *Introduction au Ciné-Club*, Ed. Ouvrières, Paris, 1964, p. 23-24.

⁸ Granja, Paulo, “O Movimento dos Cineclubes e o Cinema Português, 1945-1962”, in revista *História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 2002.

década de 40, a destacar o ABC Cine-Clube e o Cine-Clube Imagem, ambos em Lisboa. Na década de 50, a criação de Cineclubes cresceu exponencialmente, sobretudo nos anos 1955/1956, com a fundação de 18 cineclubes distribuídos pelo território nacional, dos quais vale a pena assinalar: o Cine Clube Universitário em Lisboa, Aveiro, Castelo Branco, Santarém e Vila Real de Santo António, e o Centro Cultural de Cinema dos Universitários Católicos, em Lisboa, Espinho, Faro e Figueira da Foz. Em 1956, existiam no país mais de 30 cineclubes em actividade. Os cineclubes que se formaram neste período, partilhavam as mesmas convicções e propósitos, ao considerarem o cinema uma excelente forma de expressão artística, e simultaneamente, um veículo de ideologias⁹. A eles era atribuída e reconhecida uma função ideológica e didáctica, que visava educar o público e elevar o seu nível de consciência. Textos informativos, Palestras e Colóquios, eram algumas das actividades que realizavam a fim de divulgarem o fenómeno cinematográfico, e ainda, consolidarem o papel cultural que exerciam na sociedade.

Relutante a tudo o que representasse associativismo cultural, o regime totalitário vigente, constatando a impossibilidade de ocultar o movimento cineclubista, procedeu ao seu enquadramento legal através do Decreto-Lei n.º40 572, de 16 de Abril de 1956, que cria a Federação Portuguesa de Cineclubes, entidade oficial que reconhecia no movimento cineclubista, importância no campo da educação e da cultura. Seguidamente, o Governo cria uma comissão para lhe elaborar os estatutos, empossada em 1958, sob jurisdição do S.N.I. (Secretariado Nacional de Informação), órgão de fiscalização do Estado Novo. Na prática, o Decreto atribuía ao S.N.I. os poderes de fiscalização e inspecção das actividades dos

⁹Cf. Costa, João Bénard da, *Histórias do Cinema*, Europália, Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p.106-108.

Cineclubes, da homologação dos respectivos estatutos, e o dever de facultar aos mesmos, literatura e listas de filmes recomendáveis. Para um maior controlo e sujeição ideológica, o Decreto-Lei nº41 060 promulgado no ano seguinte, limitava a circulação do cinema de pequeno formato, impedindo a exibição de filmes de 16 mm, em salas equipadas para filmes de 35mm, e a montagem de salas de 16 mm, a 3Km de distância, no mínimo, das salas de 35 mm¹⁰.

Não obstante as restrições impostas, o movimento cineclubista teve repercussões profundas junto das populações, ao atrair grupos de pessoas interessadas em cinema, quer como espectadores, quer como intervenientes no processo de difusão do mesmo. Alguns tornaram-se profissionais na área, sendo o caso dos realizadores António Pedro de Vasconcelos, Ernesto de Sousa, Luís Filipe Rocha, Henrique Espírito Santo, Margarida Gil, Paulo Rocha, e outros, cuja experiência profissional foi adquirida como protagonistas da actividade cineclubista. O crescente interesse do público pelo cinema, em grande parte por acção dos cineclubes, levou a que as Produtoras e Distribuidoras disponibilizassem filmes para exibição em geral, nos cineclubes em particular, cuja natureza excedia as disposições legais referenciadas na Lei n.º 2027 de 18 Fevereiro de 1948-Lei de Protecção ao Cinema Nacional. As consequências desta aventura, foram expressas, pelo S.N.I, através da alteração dos critérios para a concessão de subsídios, e simultaneamente, pela “repressão maciça que se abateu sobre os Cineclubes”, sobretudo a partir de 1958, que face à reafirmação dos mesmos neste período, a tentativa de abalo, não teve o grau de sucesso esperado¹¹.

Paralelamente a estes condicionalismos, também a regulamentação,

¹⁰Cf. Cadernos F.A.O.J., (Federação de Apoio a Organizações Juvenis), Nº14, Rumos do cinema português, 1979, p.26-30.

¹¹Costa, Alves da, Breve História do Cinema Português (1896-1962), Instituto de Cultura Portuguesa, 1991, p.95-120.

em 1955, da Rádio Televisão Portuguesa, alterou o rumo do cinema português, sobretudo ao nível de estilos cinematográficos e de novas

¹⁸Costa, João Bénard da, *Histórias do Cinema*, Europália, Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p.109-117.

Definição de Cine Clube

As características essenciais que definem um Cineclube e que o distinguem das demais actividades audiovisuais, resumem-se ao facto de ser uma instituição colectiva, democrática, sem fins lucrativos, mas com objectivos culturais e éticos¹³. Nestas características reside a sua principal qualidade, ao possibilitar a sua inserção em comunidades diferenciadas, mas com interesses culturais análogos. Nesta perspectiva, o movimento cineclubista tem assumido diversas formas associativas e pedagógicas ao longo do tempo, cuja experiência têm colocado ao serviço da comunidade. Os cineclubes têm, efectivamente, contribuído para estimular o espírito crítico das pessoas que se reuniam para trocar impressões e opiniões, ou apenas para empreender uma acção conjunta. Pessoas que escolheram o cinema como veículo para desfrutar, partilhar, aprender e atingir objectivos culturais comuns. Sem dúvida, os cineclubes têm sido entendidos como núcleos de formação contínua e persistente, onde as pessoas partilham experiências através do cinema, considerada a mais rica forma de comunicação artística e de representação do universo da cultura humana¹⁴.

Paralelamente às práticas pedagógicas e culturais, os cineclubes revelaram, desde sempre, um carácter inconformista, contestador e crítico, contra os problemas que marcavam a actualidade. É do senso comum que esta atitude, em certos períodos da história, levou à sua perseguição, e que estas adversidades embora possam fragilizar a natureza humana individual, favorecem e fortalecem as relações entre as pessoas. O associativismo representa essa perspectiva, essa concepção de

¹³Estatutos da Federação Portuguesa dos Cineclubes.

¹⁴Federação Portuguesa dos Cineclubes, in “Revista Cinema”, nº25, 1996.

associar as pessoas em prol do mesmo objectivo, visando a realização e satisfação colectivas.

A génese do Cine Clube do Barreiro

É um facto reconhecido que, ao longo dos tempos, o Movimento Associativo tem tido um papel central na vida dos cidadãos barreirenses. De diversas formas, o associativismo tem-se revelado como uma força aglutinadora da população, tornando-se intrínseca à vontade de lutar por melhores condições de vida, mas também para partilhar vivências e entretenimentos culturais. Colectividades, clubes, cooperativas, associações e sindicatos, ilustram bem as formas de expressão relevantes que o movimento associativo tem assumido. A mais antiga colectividade do concelho do Barreiro remonta ao ano de 1848, intitulada Sociedade Filarmónica Barreirense. Conflitos emergentes entre os associados levaram à sua cisão, dando origem, em 1870, à fundação de duas colectividades, citadas como as conhecemos actualmente: Sociedade de Instrução e Recreio Cultural (Os Penicheiros) e a Sociedade Democrática União Barreirense (Os Franceses). Contudo, a primeira colectividade de forte carácter associativo, foi fundada em 1911, então denominada de Academia Recreativa e Musical do Pessoal da Companhia da União Fabril, mais tarde designada de Liga de Instrução e Recreio da C.U.F. com a sua Banda de Música. Em 1941 foi agregada pelo Grupo Desportivo da C.U.F. criado em 1937, cujo nome definitivo passou a designar-se, em 1944, de Grupo Desportivo da C.U.F. com a sua Banda de Música¹⁵. Dos clubes desportivos e de lazer, destacam-se ainda, o Clube 22 de Novembro,

¹⁵Pais, Armando da Silva, O Barreiro Antigo e Moderno, Vol. I, Ed. CMB, Barreiro, 1963, p.301-302.

fundado em 1909; o Futebol Clube Barreirense, em 1911; o Luso Futebol Clube, em 1920, e o Grupo Recreativo “Os Leças”, em 1926, entre outros de igual importância¹⁶.

Não obstante os condicionalismos impostos pelo “regime totalitário” a qualquer tipo de associação, a animação cultural de cariz progressista fazia parte das colectividades e clubes barreirenses, alimentada corajosamente pela juventude da geração do MUD Juvenil¹⁷, jovens que revelavam grande entusiasmo e vontade de mudança. Em 1954 verificou-se um ressurgimento com diversas iniciativas, a nível nacional, de vários grupos de jovens, contra os instrumentos corporativos de repressão do regime salazarista. Naturalmente, também no Barreiro os jovens se fizeram sentir, através do intercâmbio cultural inter-associações, consubstanciado pelo neo-realismo, forma de expressão artística que predominava na época, na qual o cinema atingiu o seu ponto mais alto¹⁸.

No entanto, a primeira associação surgida no concelho de natureza distinta das demais, foi efectivamente, fundada por um grupo de jovens estudantes, em 1938, denominada Associação Académica do Barreiro. A finalidade da sua criação afigurava-se inovadora, pois visava atrair interesses da massa estudantil do concelho, agregando quer as actividades desportivas, quer as actividades culturais, lúdicas e pedagógicas que realizassem no Barreiro. Do grupo de jovens fundadores, citamos Hipácio Dias Alves, o qual veio a ser, em 1960, o primeiro Presidente da Assembleia do Cine Clube do Barreiro. Muitos foram os eventos de natureza diversa, efectivados pelos seus associados ao longo dos tempos. Porém, as dificuldades sentidas, levaram a que, a partir de 1960, esta colectividade canalizasse grande parte do seu esforço

¹⁶Idem, O Barreiro Contemporâneo, Vol. II, Ed. CMB, Barreiro, 1968, p.55-106.

¹⁷Movimento de Unidade Democrática Juvenil, criado em 1946, visava o esclarecimento, a mobilização, o convívio e a reinvidicação da juventude portuguesa.

¹⁸Teixeira, Armando Sousa, Roteiro das Memórias da Resistência, do Trabalho e da Luta, Ed. CMB, Barreiro, 2009, p.54-58.

para as actividades de carácter cultural, em detrimento das actividades desportivas, com predomínio para saraus, exposições e bailes¹⁹. De índole

¹⁹Pais, Armando da Silva, O Barreiro Contemporâneo, Vol.II, Ed. CMB, 1968, p. 13-16.

²⁰“40 Anos - Cine Clube do Barreiro, 1958-1998”, Ed.CCB, Barreiro, 1998, p. 26.



S.  R.

Destacamento da Guarda Nacional Republicana

N.º 36/A Barreiro, 1 de Setembro de 1960
Ao Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal do
concelho do _____
Barreiro

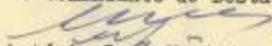
Confidencial

Assunto: - Informação acerca do comportamento moral e político de diversos indivíduos.

Refer.ª: - Of. Conf. P.ª de 26/8/1960

Reportando-me ao assunto do ofício em referência, tenho a honra de informar V.Ex.ª que pelas averiguações a que mandei proceder acerca do comportamento moral e político dos indivíduos constantes no mesmo ofício, averiguou-se que nada consta em seu desabono, sendo todas pessoas bem conceituadas e de consideração e que são:

Hipólito Dias Alves;
Amândio dos Santos Gomes Quarter;
Aníbal Augusto Pimentel Pereira Fernandes;
Eduardo Alfredo Harrington Sena;
Juvenal Leonel da Silva Fernandes;
Augusto António do Carmo Cabrita
Vicente Augusto Bolina;
Alfredo António de Sousa Bolina;
António Manuel Alves Porfírio;
Carlos da Silva Pinho;
Victor Manuel Correia Cardoso;
Amílcar Joaquim Martins Mota e
Miguel Eusébio Lopes de Sousa.

A Bem da Nação
O Comandante do Destacamento

António Luís Monteiro da Graça
cap. de cav.

MMA.

Vip. Comercial - Tel. 023148 - Barreiro

Fig. 1

Informação acerca dos elementos fundadores (1960)

Cota: CCB/B/A/01/Cx.01- 1958/74

Apesar dos esforços consecutivos dos membros das sucessivas direcções, somente em 1967 foi possível o CCB mudar de instalações, passando para o N.º 111-A, da mesma rua²¹, defronte para o Largo do Casal, próximo da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense (Os Penicheiros). Naquela época, este era um local central e privilegiado na vila do Barreiro, onde sócios e populares se reuniam para debates e intercâmbio de ideias. Para a efectivação deste projecto, contribuíram de forma decisiva um grupo de associados, que pagaram para o efeito uma quota suplementar, e o Município, que cedeu material e mão-de-obra indispensáveis à execução das obras necessárias²².

²¹Mais tarde denominada de Rua Almirante Reis, N.º111, como é conhecida na actualidade.

²²Jornal do Barreiro, "Cine 63", 29-9-1966, p. 4.



Fig. 2
Sede do CCB.
Cota: CCB/A/01/Cx.01- 1990/09

Relativamente aos Estatutos que conduziram ao aparecimento do CCB, enquanto mecanismo público legal, consubstanciaram, não apenas a sua criação, como definiram a sua estrutura orgânica e funcional, o papel dos sócios na vida do clube, e ainda, o processo de eleição dos órgãos directivos, responsáveis pela evolução da associação²³. O processo da fundação do CCB foi concluído com os registos públicos de carácter tributário, os quais estabeleceram, decisivamente, as responsabilidades, as intenções, os direitos e deveres da instituição.

²³Estatutos do Cine Clube de Barreiro,
1958

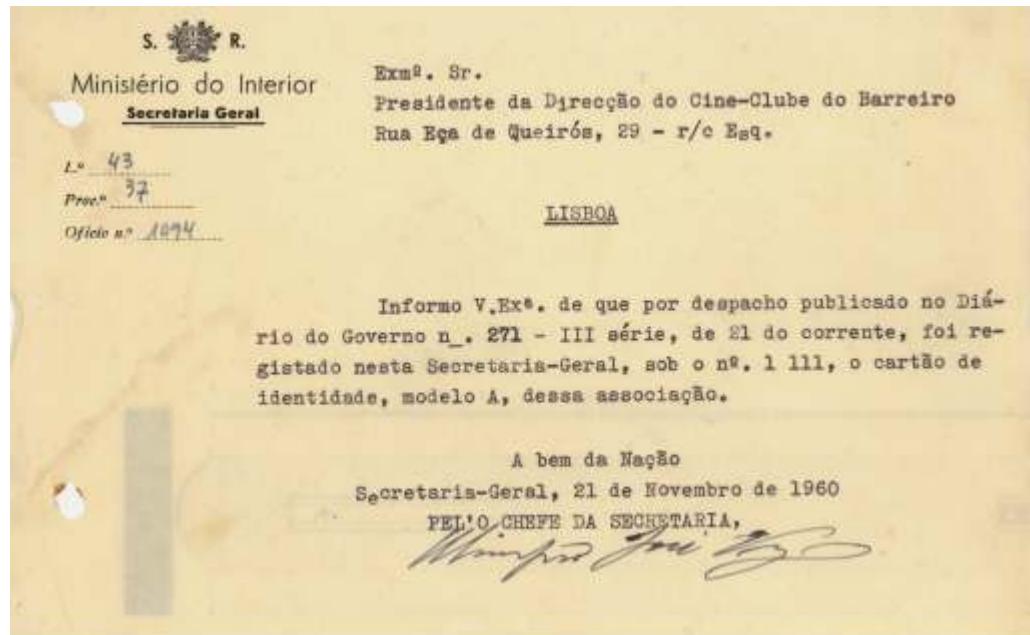


Fig. 3
Registo do Cartão de Identidade do
CCB (1960)
Cota: CCB/A/02/Cx.01- 1958/02

Posteriormente, a pedido da direcção, justificando que os Estatutos de 1958 estavam obsoletos, por não contemplarem as alterações introduzidas pelo 25 de Abril de 1974, procedeu-se à renovação dos mesmos e à criação de um Regulamento Interno conotado com o mesmo peso legal, ambos aprovados em reunião de Assembleia Geral, em 2 de Dezembro de 1983²⁴, com a finalidade de se adaptarem à nova realidade.

Na sequência do tratamento das questões de carácter formal, também o emblema adoptado pelo CCB, aquando da sua criação, e aprovado pelo S.N.I., consolidou a sua estrutura enquanto associação cultural. O emblema apresentava a seguinte memória descritiva:

«Quadrado contendo no lado esquerdo, de alto a baixo, uma banda negra perfurada significando a perfuração da película cinematográfica. A área restante (aproximadamente 5/6 do total) compreende um fundo pautado horizontalmente, sobre o qual se encontram três letras em alfabeto minúsculo (c c b), representativas das iniciais da associação cultural denominada Cine Clube do Barreiro».



Fig. 4 - Emblema do CCB

²⁴Actas da Assembleia Geral, p.8v-20v, Cota: CCB/A/03/Lv.03-1981/91

Posteriormente, a elaboração do símbolo para a bandeira e logótipo vieram reforçar a sua identidade associativa. O projecto para a sua execução teve início em reunião de Assembleia Geral, em 12 de Fevereiro de 1978, na qual ficou estabelecido que seriam os associados a apresentarem propostas de desenhos, de sua autoria, de entre os quais seria seleccionado o vencedor. Em Assembleia Geral Ordinária, em 21 de Julho de 1980, foi aprovado por maioria o respectivo símbolo²⁵.

Natureza e função do Cine Clube

A natureza cultural do CCB integra-o na definição de «associação de fins não lucrativos», cujo objectivo central é a projecção e o estudo de filmes em sessões privadas, para que, através do interesse pelo conhecimento da história, da técnica e do cinema, por parte dos associados e público em geral, contribua para o desenvolvimento da cultura cinematográfica nas vertentes experimental, infantil, didáctica e/ou educativa. A institucionalização dos Cineclubes permite recorrer a apoios, recursos e patrocínios junto de organismos públicos e/ou privados, para a exequibilidade das suas funções e actividades.

Ultrapassados os procedimentos formais, o CCB promoveu, ainda em organização, a primeira sessão de propaganda, em 1 de Janeiro de 1959, pelas 17.30 horas, no salão da SIRB (Penicheiros), com as seguintes curtas-metragens: «Zanzabelle em Paris», «Viagem de Badabú», «Pacific 231», «Jardim Público» e «Pantumines».

²⁵Idem, p.45v-46,

Convite

O C. C. B., em fase de propaganda, convida os seus futuros associados, a assistir, no dia 1 de Janeiro, pelas 17.30 horas, no salão da SIRB (PENICHEIROS), a uma SESSÃO DE FILMES DE 16 mm, (amavelmente cedidos pela Embaixada Francesa), em que é permitida a assistência de crianças.

Aproveita o C. C. B. para vos informar que, dentro do estabelecido por lei, aguarda apenas a aprovação oficial dos ESTATUTOS, para proceder à eleição dos Corpos Gerentes e assim iniciar a sua actividade. Mais informa que, contando já com cerca de 300 adesões, as pessoas interessadas, ainda se podem inscrever junto de qualquer dos elementos da

Comissão Organizadora

Alfredo Esôina, Amândio Gautier, Amílcar Mota, Augusto Cabrita, Carlos Pinho, Eduardo Sena, Eugénio Gabriel, Hipácio Alves, José Cândido, Miguel Souza, Vicente Bolina.

Fig. 5
Convite para a sessão de propaganda
(1959)
Cota: CCB/A/03/Cx.01- 1958/08

No ano seguinte, o CCB deu início à sua actividade oficial, cuja programação era conduzida no sentido de contribuir, através do cinema e da cultura, para o desenvolvimento integral dos seus sócios, dos filhos destes, e da população local. Assim, em 29 Janeiro de 1960, no Cinema Teatro (Casa do Ferroviários), cedido gentilmente para o efeito, o CCB procedeu à realização da “Sessão Inaugural” de 35 mm, com o filme intitulado «Humberto D», de Vittorio de Sica²⁶, comentado pelo escritor José Cardoso Pires.

²⁶Película de 1951, que em 1956 foi premiada com a palma de ouro do Festival de Cannes e com a medalha de ouro do cinema francês.



Fig. 6
Comunicado da sessão inaugural
(1960)
Cota: CCB/02/Cx.01- 1959/02

O filme em questão, alugado com esse propósito à Filmitalus (Centro do Cinema Italiano em Portugal), pelo preço estabelecido de trezentos escudos (300\$00), marcou o início da actividade do CCB. Outras sessões se seguiram, para as quais foram editados programas e textos originais, elaborados pelos sócios José Cândido, Amílcar Mota, Vicente Bolina e Vítor Cardoso²⁷.

Reuniões dos órgãos sociais

Volvidos menos de cinco meses de actividade, o CCB revelava um percurso de orientação preciso e consistente, como podemos constatar na primeira reunião da Assembleia Geral ordinária²⁸, realizada no Clube 22 de Novembro, em 22 de Junho de 1960, na presença de 20 sócios efectivos, durante a qual foi eleita a primeira chapa directiva, assim constituída:

Assembleia Geral:

Presidente ----- Hipácio Dias Alves
Vice-Presidente ----- Amândio Gomes Gautier
Secretário ----- Anibal Armindo Fernandes

Conselho Fiscal:

Presidente ----- Eduardo Harrington Sena
Relator ----- Juvenal Silva Fernandes
Vogal ----- Augusto António Cabrita

Direcção:

Presidente ----- Vicente Augusto Bolina
Vice-Presidente ----- Alfredo de Sousa Bolina
Tesoureiro ----- António Manuel Porfírio
1.º Secretário ----- Carlos da Silva Pinho
2.º Secretário ----- Vítor Manuel Cardoso
Vogal ----- Amílcar Joaquim Mota
Vogal ----- Miguel Eusébio de Sousa

²⁷Jornal do Barreiro, "Cine 63", 13-2-1964, p.4

²⁸Actas da Assembleia Geral, p.1v-3,
Cota: CCB/A/03/Lv. 01, 1960/1968

Entretanto, das informações de carácter geral proferidas por alguns sócios aquando da sua intervenção nesta reunião, constatamos o seguinte: o número de associados ascendia a trezentos membros; as sessões de formato reduzido suscitavam algumas preocupações aos membros directivos, por apenas serem legalmente permitidas em salas equipadas para esse fim. Quanto às sessões de cinema, ficou deliberado que seriam organizadas em ciclos de cinema, com programação livre ou integradas em temas de estudos, dedicados a temas da actualidade e/ou a homenagens prestadas a celebridades da 7^aarte, e que, para a sua efectivação, seriam criadas comissões específicas para esse fim. Foram feitas algumas apreciações sobre a importância da continuidade da página mensal “Manivela” no Jornal do Barreiro, bem como sobre os cartazes de propaganda, entendidos unanimemente como o mais eficaz meio de divulgação e expansão do CCB.

Uma das reuniões da Assembleia Geral que ficou para a história da associação ocorreu em 1965, quando confrontados com a imposição do Estatuto-Tipo do S.N.I., o qual os sócios decidiram rejeitar, continuando a reger-se pelo Estatuto elaborado pela Comissão Organizadora, em 25 de Novembro de 1958, postura que *à posteriori*, lhes causou maior controlo e repressão.

Esta foi uma atitude arrojada e de grande coragem, tendo em conta a acção repressiva desencadeada pela PIDE sobre quaisquer acções desenvolvidas pelo CCB, tanto a nível interno como externo.

U
PROJECTO DE
ESTATUTO-TIPO, DO S.N.I.
(Associação de C.C.)

CINECLUBE DE _____

CAPÍTULO I

Constituição, Denominação, Sede e Fins

Artigo 1.º. - Com a denominação de Cineclube de.....
é constituída uma associação cultural, que passa a reger-se pelos
presentes estatutos.

Artigo 2.º. - O Cineclube tem a sua sede na.....da (cidade ou
vila) de.....

Artigo 3.º. - O Cineclube é uma associação cultural de fins não lu-
crativos que tem por objecto o desenvolvimento do interesse dos só-
cios pela arte cinematográfica, mediante a exhibição de filmes esco-
lhidos, acompanhada de comentário oral ou feito em programas impreg-
nos, e outros processos de estudo e divulgação dos aspectos técnicos,
históricos, culturais e artísticos do cinema.

Artigo 4.º. - Para a realização do objectivo referido no artigo an-
terior, competirá especialmente ao cineclube:

- a) - Defender e impulsionar o cinema, nomeadamente o cinema nacional, como arte e como linguagem;
- b) - Exibir e divulgar os filmes de maior valor representa-
tivo;
- c) - Estudar e divulgar a cultura cinematográfica, contri-
buindo para que a mesma atinja o mais alto nível em
Portugal;
- d) - Estimular o desenvolvimento do filme experimental e de
anadores;
- e) - Estudar os problemas técnicos, históricos e filosóficos
do cinema;
- f) - Divulgar a arte cinematográfica através da Rádio, de
Revistas e de páginas especializadas da Imprensa;
- g) - Criar cursos de estudo de arte e de técnicas cinemato-
gráficas;
- h) - Organizar e promover exposições e conferências sobre
assuntos de arte e técnica cinematográficas;
- i) - Organizar um ficheiro filmográfico;
- j) - Criar uma secção fotográfica;
- l) - Organizar um arquivo fotográfico de motivos e temas
de cinema e dos seus personagens ou valores mais expres-
sivos ou representativos;

..//..

Fig. 7

Estatuto tipo do SNI (1965).

Cota: CCB/A/01/Cx.01- 1958/03

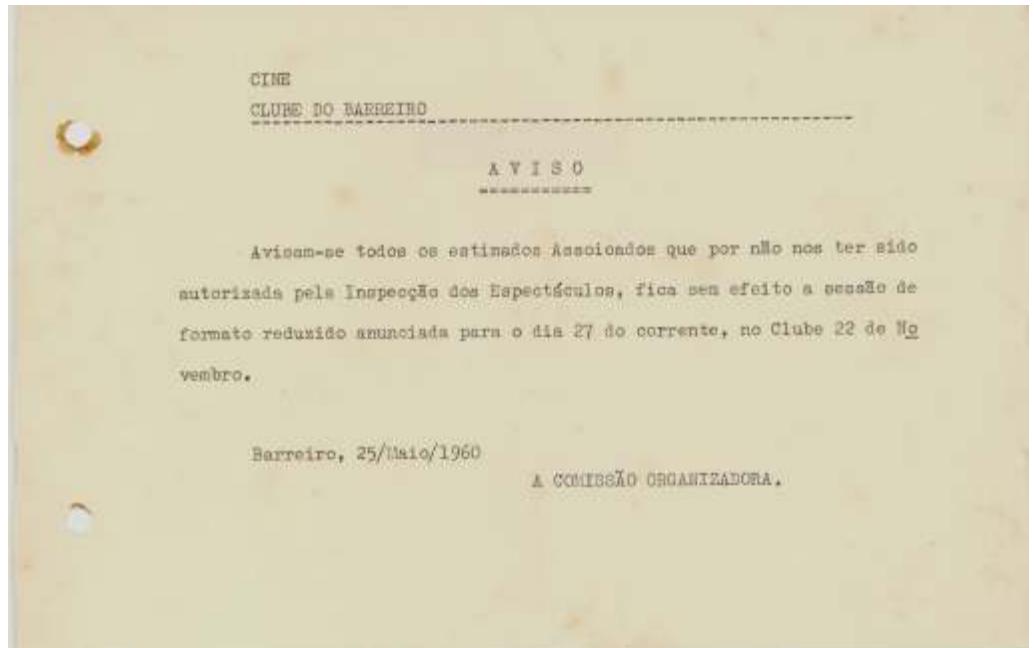


Fig. 8
Sessão de cinema não autorizada
pele S.N.I. (1960).
Cota: CCB/C/01/Cx.01- 1958/08

Informar previamente o S.N.I. era uma obrigatoriedade, assim como obedecer às orientações que lhes eram comunicadas, pela Comissão de Censura: datas das reuniões da Assembleia Geral, cópias das actas das reuniões, alterações da morada, programação prevista para o período seguinte, local de realização de actividades e eventuais protagonistas intervenientes nas mesmas, cartões e fichas dos sócios, são apenas alguns exemplos que ilustram esta realidade.

S. R.
PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO,
CULTURA POPULAR E TURISMO

V.P./M.A.A.
Ref.^a. 304
3.^a Rep. - Nº. 1527 /2

3.^a REPARTIÇÃO

Exm.^a. Senhor Presidente da Direcção do
Cineclube do Barreiro
R. Conselheiro Serra e Moura, 60 - 1.^a.
BARREIRO

Em resposta ao ofício nº. 12/59, datado de 27 de Julho,
tenho a honra de informar V.Ex.^a. que esse Cineclube deve apre-
sentar o projecto e o orçamento do filme, ou filmes que se
propõe realizar no âmbito da circular do S.N.I. de 10 do mesmo
mês, após o que o S.N.I. determinará o quantitativo a entregar.
Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Ex.^a. os meus
melhores cumprimentos.

-A BEM DA NAÇÃO
Secretariado Nacional da Informação, em 18. AGO. 1959
PELO CHEFE DA 3.^a REPARTIÇÃO
O CHEFE DA 3.^a SECÇÃO

M. Henrique da Silva
(M. Henrique da Silva)

Mod. 1126 - 5.000 ex - 3-959

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Secretário Nacional

Fig. 9

Ofício a exigir a apresentação de
actividades (1959)

Cota: CCB/B/A/01/Cx.01- 1958/74

Numa primeira fase, o CCB enviava um requerimento para a Inspeção Geral dos Espectáculos - Delegação do Barreiro, a solicitar o registo de actividades e as guias para o pagamento da taxa estipulada por lei, mediante o qual ficava habilitado a realizar espectáculos de cinema, durante o período de seis meses. Entretanto, toda a programação projectada, inclusive palestras e colóquios, tinha de ser enviada à Comissão de Censura que, ao ser superiormente aprovada, era devolvida com um “visto” da Inspeção Geral de Espectáculos e do Comando da GNR local. A não comunicação das actividades à entidade oficial supracitada, dava origem a autos de transgressão.

C.C.B. CLUBE DO BARREIRO

Representação cinematográfica destinada aos alunos do C.C.B. a realizar em:

Do: Comunidade dos

Países: Portugal

Com o seguinte programa:

Título	Diretor	Natureza	Dº Censura	Dº Licença	Classificação
<u>O Povoado e o Povoado</u> <u>Fernando Lopes gomes</u>			DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE ESPECTÁCULOS DELEGAÇÃO DO BARREIRO VISTO <u>30/11/73</u> O Delegado <u>[Assinatura]</u>		<u>18 anos</u>

Distribuição em Portugal:

Porcelos 30/11/73

País: C.C.B. CLUBE DO BARREIRO

[Assinatura]

Fig. 10
“Visto” (1973)

Actividades culturais e pedagógicas

Apesar de todos os constrangimentos, certames de natureza diversa foram uma constante no percurso de vida do CCB, alguns realizados na sua sede, outros em colaboração com as agremiações congéneres e/ou particulares do concelho. Numa primeira fase a sua actividade cinematográfica caracterizou-se por um interregno de três meses (Julho, Agosto e Setembro), durante o qual não foram emitidas quotizações, e reinício das sessões em Outubro, ininterruptamente até Junho do ano seguinte, com programação livre ou em ciclos de cinema, tais como “Humor no Cinema Britânico”, “Relações Teatro-Cinema”, “Homenagem a William Shakespeare”, “A Mulher na Sociedade”, “Antecipação”, entre muitos outros. Grande parte destes ciclos contava com a intervenção de críticos ou celebridades ligadas à cultura. Esta norma tem vindo a ser seguida pelo CCB ao longo da sua actividade, como podemos constatar através do seu acervo documental. Mesmo após o 25 de Abril, ao qual se seguiu um período de grandes aspirações sociais e individuais, o CCB deu continuidade às actividades cinematográficas de forma regular e diversificada, através da projecção de filmes de 16 e 35 mm, a partir dos anos 90, com equipamento de vídeo entretanto adquirido pelo CCB. Simultaneamente, tem vindo a desenvolver outras actividades, não somente para crianças, com a exibição de filmes de animação, concursos de pintura e desenho, música e palhaços, mas também na realização de exposições temáticas, colóquios, debates, encontros entre cineclubes, formação no âmbito do cinema e publicações²⁹.

²⁹Planos e Relatórios de Actividade,

Cota: CCB/D/A/01/Cx.01- 1972/2008

O Cine Clube
do Barreiro realiza,
integrada nas comemorações
do dia da Cidade do Barreiro,

o programa
"CINEARTE"
dedicado à Literatura,
à Música,
à Fotografia e ao Cinema.
De 28 de Junho
a 1 de Julho
Exposição Feira do Livro.

PROGRAMA

Dia 28.06.01

- 18.00 horas abertura da Exposição Feira do Livro;
- 8.30 horas abertura da Exposição de Fotografia de Eduardo Gajero na sala Augusto Cabrita da S. J. R.B. (Penicheiros).
- 22.00 horas projecção de Cinema de Animação no espaço da Feira do Livro.
- 00.00 horas Encerramento

Dia 29.06.01

- 18.00 horas abertura da Exposição Feira do Livro.
- 21.30 horas Animação Musical DJ
- 22.00 horas projecção de Cinema de Animação no espaço da Feira do Livro.
- 00.00 horas Encerramento

Dia 30.06.01

- 14.00 horas abertura da Exposição Feira do Livro;
- 17.00 horas Debate sobre Literatura e Cinema com o Escritor Madaleno Navarro no auditório do CCB seguido da Projectação do filme "O Lobo do Mar"
- 00.00 horas Encerramento

Dia 01.07.01

- 14.00 horas abertura da Exposição Feira do Livro;
- 0.00 horas Encerramento

A Exposição de Fotografia de Eduardo Gajero continuará aberta até ao 5 de Julho às 22.00 horas.

Aos Sábados e Domingos das 14 às 22 horas e nos restantes dias da semana das 10 às 23 horas.

Fig. 11 - Programa de actividades (2001).
Cota: CCB/A/03/Cx.01- 1958/08

Sessões de cinema em 35 mm e sessões de cinema em formato reduzido, integraram incessantemente a programação do CCB, desde o início da sua actividade. Ainda em 1960, editaram-se boletins com a programação de Outubro, Novembro e Dezembro, apresentando, entre outros artigos, textos de Alfredo Bolina, Vicente Bolina e Vítor Cardoso, na qual se destaca a I Retrospectiva do Cinema Mudo Português, realizada entre os dias 12 e 16 de Dezembro, na sede do CCB, com a colaboração da Federação Portuguesa dos Cineclubes e a Cinemateca Nacional. A promoção do cinema nacional e internacional, tem constituído a preocupação primária do CCB, ao longo da sua existência. Assim, foram vários os ciclos de cinema levados a efeito pelo CCB ou em parceria, entre os quais vale a pena assinalar: o “Ciclo de Cinema Soviético”, em 1982, em colaboração com a Associação de Amizade Portugal/URSS; o “Ciclo de Cinema Francês”, em 1992, com filmes de realizadores franceses, como François Truffaut e Jacques Demy, com o apoio da videoteca da FPCC; no mesmo ano o ciclo de “As melhores obras dos vultos da sétima arte”, como Charlie Chaplin e Alfred Hitchcock, ou ainda, “Ciclos biográficos”, sobre Franz Kafka, Vincent Van Gogh, Camille Claudel, em 1997, e imperiosamente, os ciclos de cinema português. Neste âmbito, destaca-se a programação dos 100 anos do Cinema Português, em 1996, com a exibição de dois ciclos de cinema, uma exposição fotográfica e um debate sobre esta temática, certame que teve grande projecção local.

Quanto ao cinema de animação, e no âmbito das comemorações do 1º aniversário do CCB, foram várias as sessões realizadas para crianças, entre elas a 1ª sessão infantil com o filme «O garoto de Charlot», comentada pelo crítico Ernesto de Sousa, seguindo-se um colóquio no

Luso Futebol Clube. Das múltiplas sessões de cinema de animação que o CCB tem realizado, vale a pena assinalar a sessão exibida em 1992, não somente por assinalar as melhores cinematografias da época, mas por ter contado com a presença do honroso Vasco Granja³⁰.

³⁰Apresentador de TV, Vasco Granja foi reconhecido pelo seu contributo na divulgação do Cinema de Animação e Banda Desenhada.

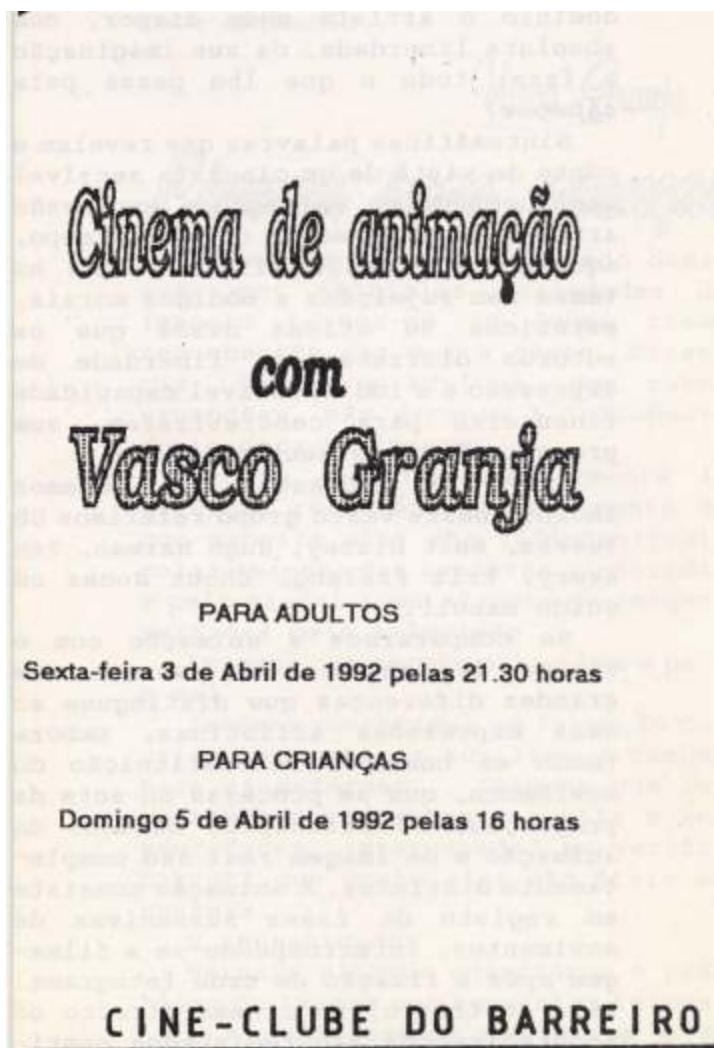


Fig. 12
Programa de divulgação (1992).
Cota: CCB/A/03/Cx.03- 1958/08

As sessões de cinema infantil têm constituído, desde sempre, um verdadeiro serviço educativo, ao serem seguidas de actividades feitas pelas crianças, como desenhos, moldagem em barro, pinturas e jogos, sendo estas conduzidas pela respectiva comissão criada para o efeito. Como exemplos desta realidade foram, e na sequência das sessões infantis realizadas pelo CCB na fase inicial, a exposição de desenho infantil e de trabalhos em barro, realizada na sede do CCB entre 16 e 31 Maio de 1968; o concurso de desenho infantil realizado em 25 de Junho de 1978 para crianças até aos 16 anos de idade, subordinado ao tema “Cinema”; a partir dos anos 90, a participação na mostra de cinema, integrada no festival de música Out Fest no AMAC; ciclos de música e de cinema, salientando-se o filme *Nosferatu – Uma sinfonia de horror* de Friedrich Wilhelm Murnau, com música ao vivo; projecção de filmes em escolas do concelho; concursos de vídeo no âmbito da “Quinzena da Juventude”, entre muitos outros eventos para crianças e jovens.

Programação do Cine Clube no AMAC | Outubro & Novembro

OUTUBRO

Ciclo Música & Cinema

2 Out | Qui | 21h30 | 2,5

Joy Division - Grant Gee :: 2007, EUA/RU, 93'

16 Out | Qui | 21h30 | 2,5

Nosferatu, Uma Sinfonia de Horror :: Friedrich W. Murnau
(música ao vivo – composição original Jorge Moniz)
:: 1922, Alemanha, 88'

23 Out | Qui | 21h30 | 2,5

Não Estou Aí :: Todd Haynes :: 2008, EUA/ Alemanha, 135'

30 Out | Qui | 21h30 | 2,5

Aquele Querido Mês de Agosto :: Miguel Gomes
:: 2008, Portugal, 147'

NOVEMBRO

6 Nov | Qui | 21h30 | 2,5

O Acontecimento – M. Night Shyamalan :: 2008, EUA/ Índia, 91'

8 Nov | Sáb | 18h00 | A 36ª Câmara de Shaolin [The 36th Chamber of Shaolin]

21h30 | Regresso à 36ª Câmara de Shaolin [Return to the 36th Chamber]

9 Nov | Dom | 18h00 | O Templo dos Lutadores [Shaolin Temple]

21h30 | Cinco Venenos [The Five Venoms]

13 Nov | Qui | 21h30 | 2,5

O Meu Irmão é Filho Único :: Daniele Luchetti
:: 2007, França/ Itália, 100'

20 Nov | Qui | 21h30 | 2,5

Alexandra :: Aleksandr Sokurov :: 2007, França/ Rússia, 95'

27 Nov | Qui | 21h30 | 2,5

Gomorra :: Matteo Garrone :: 2008, Itália, 137'



<http://ccbarrs.blogspot.com>
CineClube do Bairro
Rua Almirante Reis 111 – 2830-326 Barreiro



<http://amacbarreiro.blogspot.com>
Av. Escola de Fuzileiros Navais
Parque da Cidade – 2830 Barreiro

Fig. 13
Programação no AMAC

As sessões de cinema didáctico, enquanto objectos de análise que suscitavam diferentes interpretações, eram igualmente seguidas de comentários, palestras ou colóquios, com a finalidade de ajudar na leitura e interpretação dos filmes exibidos. É o caso do colóquio realizado na sede em 10 Abril de 1967, por Paulo Rocha, sobre o seu filme “Mudar de vida”, película de grande êxito internacional que levou à sua aquisição por seis países estrangeiros.

E ainda, integrado no ciclo de “Cinema e Literatura”, o filme intitulado «Domingo à tarde», exibido no Teatro Cine Barreirense, em 17 de Outubro de 1969, que foi acompanhado por um colóquio realizado em 12 de Dezembro do mesmo ano, pelo realizador do respectivo filme, António Macedo.

A prática de debates sobre filmes exibidos foi restrita no período pós 25 de Abril, mas retomada com intensidade a partir da década de 90. Assim, destacam-se os debates com Pedro Costa sobre o seu filme “Ossos” e com a Dr.^a Isabel do Carmo, endocrinologista, sobre o filme de Claude Chabrol “Uma Questão de Mulheres”, ambos em 1998. Ainda no mesmo ano, na sequência das “comemorações dos 40 anos”, o programa de actividades culturais e pedagógicas realizadas pelo CCB, mereceu especial relevo pelo Jornal do Barreiro, Jornal de Notícias, Agência Lusa e rádios locais, a saber: integrado no ciclo de palestras ao sábado, sobre o tema “O Cinema e as Outras Artes”, contou a com a presença do escritor Urbano Tavares Rodrigues, do realizador João Mário Grilo, do cineclubista Dr. Manuel Neves e do compositor António Pinho Vargas.



Fig. 14
Cartaz da autoria de Talbinhaz
(1967)

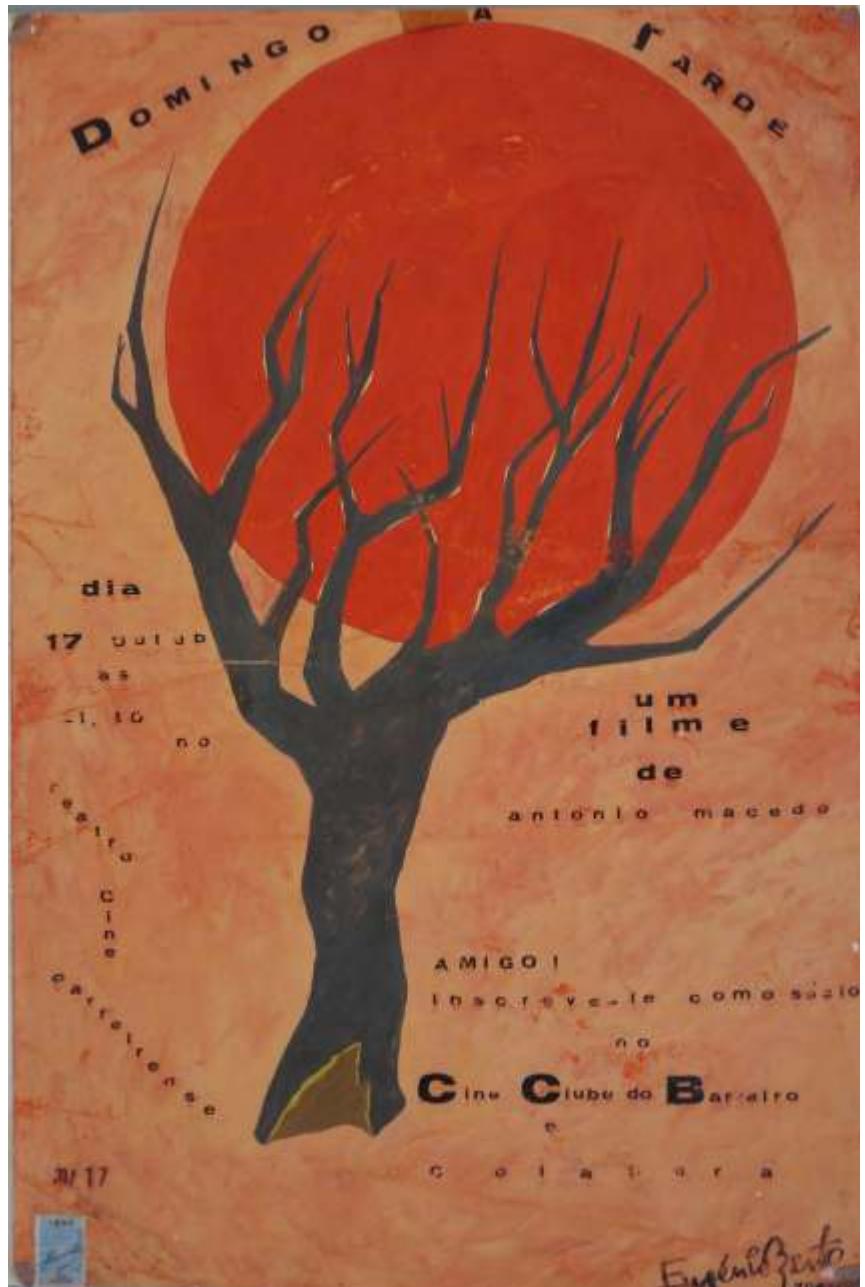


Fig. 15
Cartaz da autoria de Eugénio
Bento (1969)

Relativamente à secção de cinema experimental, esta teve início em Novembro de 1967, com a exibição de vários filmes em 8 mm. Para o efeito, existia uma máquina de filmar e duas máquinas de projectar, uma das quais comprada pelos sócios, com o valor de uma quota suplementar de vinte escudos (20\$00) que pagaram para esse fim. Posteriormente, a Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian cederam mais duas máquinas de projectar, mais modernas, visando o desenvolvimento do cinema amador no concelho. A secção de cinema experimental tinha como finalidade a formação de grupos de cineastas amadores dispersos, sócios do CCB, com interesses em debater e estudar os problemas da expressão cinematográfica, e ainda formar equipas para a realização de filmes experimentais.

Paralelamente às sessões de cinema, o CCB foi, desde o início, um grande dinamizador de outras expressões artísticas. Cursos de cinema, saraus de música, canto e poesia, concursos, teatro, colóquios, palestras, entre outros, fizeram parte da sua programação e actividade. O primeiro curso de cinema no Barreiro, o terceiro no país, organizado pelo CCB, com a colaboração da Câmara Municipal do Barreiro e do Luso Futebol Clube, realizou-se no período de 2 de Dezembro de 1966 a 3 de Maio de 1967, com a particularidade de ser extensível a todos os interessados da 7.ª Arte, e não somente aos sócios.

Esta iniciativa, que mereceu especial destaque pelos Jornais “Setubalense” e “Diário de Lisboa”, foi organizada por uma comissão criada para o efeito, constituída por Hélder Madeira, Vítor Cardoso, António Porfírio, José Nazário, Eugénio Bento, Carlos Mendes e Alexandre Viegas. Cada tema do Curso era da responsabilidade da

Fig. 16
Programa do primeiro curso de
cinema.
Cota: CCB/E/B/02/Cx.01- 1966/08

Programa
dos temas do Curso Experimental
DO CINE CLUBE DO BARREIRO

1 — O «AUTOR» — por Artur Ramos. «exceção» e crítica geral. histórias de T. V. e do cinema profissional. Sobre o tema será projectado o filme «O Grande Carquejal».

2 — «ACTUALIDADES» — por Fernando Lopes. anseio de «Belarmino» e honras de T. V. e do cinema.

3 — «OS PROBLEMAS DE INTERPRETAÇÃO NO TEATRO E NO CINEMA» — por Ernesto de Sousa. História do teatro do cinema. autor de diversas obras de cinema. colaborador e correspondente em revistas da especialidade. crítico de Artes Plásticas. Realizador de «D. Roberto».

4 — «DESPORTO» — por Fernando Lopes. Projecto do filme «O jogador profissional».

5 — «COMO SE FAZ UM FILME» — por Carlos Telles. essencialmente dividido ao cinema.

6 — «REALIZAÇÃO» — por Paulo Rocha. Realizador de cinema. a ele devemos «Os verdes anos» e «Mudar de vida».

7 — «CINEMA E LITERATURA DE EXPRESSÃO GRÁFICA» — por Ernesto de Sousa.

8 — «MONTAGEM» — pelo sr. António Macrão. Realizador cinematográfico. escritor e ele devemos «Dois minutos e meio» e diversas outras montagens.

9 — «O CINEMA DE ANIMAÇÃO» — por Vasco Granja. Antigo dirigente do Cine-Clube Imagem. responsável pelas páginas de cinema de alguns jornais. grande entusiasta do cinema de animação.

10 — «CINEMA MOÇAMBIQUE» — por Paulo Rocha.

11 — «ESTRUTURA DA INDÚSTRIA» — por Machado da Luz. Crítico de cinema, colaborador em diversas revistas da especialidade. entre elas: «Sempre Novas». Antigo dirigente do ABC Cine-Clube de Lisboa.

12 — «PROBLEMAS DA CRÍTICA» — pelo dr. Carlos Morais. Crítico de cinema, colaborador em revistas da especialidade, e da organização do curso de cinema experimental do Porto onde foi dirigente.

13 — «O ENSINO DO CINEMA» — pelo sr. Nuno Portas. Professor nas Be-

las-Artes de Lisboa. crítico da especialidade. colabora em revistas cinematográficas.

14 — «PERSPECTIVAS DO CINEMA PORTUGUÊS» — por Laurito António. Autor do livro de teatro «Três peças em um acto». colabora em revistas, crítico literário e cinematográfico.

CINEMA EXPERIMENTAL

1 — «Argumento e realizações» — por Ernesto de Sousa.

2 — «Trabalhos práticos» — por Augusto Cabrita. grande operador de cinema. deve-se a ele a fotografia de Belarmino, a reportagem sobre Aguiar, o documentário Macau, Moçambique 65, etc.

3 — Protecção dos trabalhos práticos assistidos e orientados por A. Cabrita.

4 — Visita a um estúdio e Laboratório.

NOTÍCIAS DE SETE

celebridade afecta à temática em estudo. A título de exemplo, destacam-se: “Cinema e Literatura de Expressão Gráfica” adestrado por Ernesto de Sousa, “A Fotografia no Cinema” por Augusto Cabrita e “O Cinema de Animação na Educação” por Vasco Granja. Posteriormente, outros cursos de formação foram promovidos, com destaque para o curso de formação no domínio da “Linguagem Cinematográfica”, realizado em 1993, que atraiu número considerável de interessados; dois cursos de formação realizados, um no Porto e outro no Cacém, em 1995, nos quais participaram associados do CCB, e ainda, no âmbito da Quinzena da Juventude, uma acção de formação designada de “Atelier de Introdução à experiência do Vídeo”, em 2007.

No âmbito das comemorações do 2.º aniversário do CCB, foi realizado um sarau em 7 de Fevereiro de 1962, em colaboração com a SIRB (Penicheiros), pelo Coro da Academia dos Amadores de Música, dirigido pelo Maestro Fernando Lopes Graça, com a colaboração da declamadora Manuela Jorge.

No mesmo local, em 16 de Abril de 1964, o mesmo Coro realizou mais um sarau, com a colaboração de Dulce Cabrita.

E ainda, em 11 de Novembro de 1967, no Luso Futebol Clube, o CCB organizou um sarau de música e poesia, com José Afonso, Carlos Paredes, Rui Pato, Fernando Alvim, Álvaro Feijó, Manuel da Fonseca, Teresa Paula Brito e Maria Odete³¹. Esta sessão, marcada por grande fervor democrático e de resistência ao fascismo, culminou com a detenção de alguns dos elementos da direcção do Cineclube, nos dias seguintes, por parte da PIDE, com o argumento de ter sido cantada por José Afonso uma canção proibida, “Os Vampiros”.

³¹Jornal do Barreiro, 23-11-1967

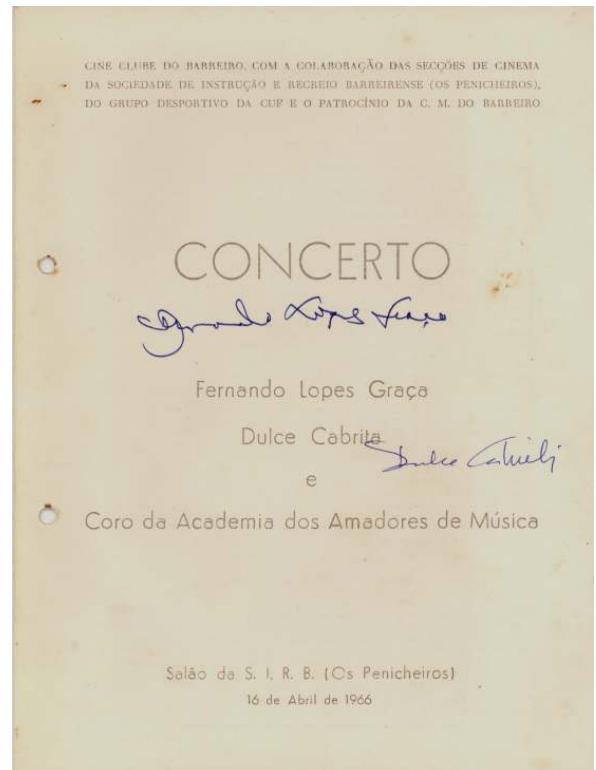


Fig. 18
Folheto de divulgação (1966)

INESQUECÍVEL NOITE DE MÚSICA E POESIA organizada pelo Cine - Clube do Barreiro com a colaboração do Lusó Futebol Clube

Constituiu um êxito o sarau de música e poesia efectuado no dia 11 de Novembro, e organizado pelo Cine-Clube do Barreiro em colaboração com o Lusó Futebol Clube.

No Ginásio em que se realizou tão inesquecível espectáculo, um público repleto de entusiasmo, superlotava o recinto.

A música e poesia de maior recorte popular, muito raramente se ouve, e se não fosse a vontade inabalável dos seus cultivadores, adaptadores e executantes, na sua maioria amadores, não sobrevivia, e seria esquecida para sempre.

Felizmente para a cultura portuguesa que tal não acontece, e que os poetas e músicos como os que se ouviram nesta noite, continuam a ser divulgados, mesmo com o sacrifício exaustivo da vida privada dos seus impulsionadores, que não tendo qualquer proveito material, ainda ocupam todo o seu tempo livre em prol de tão generoso ideal.

Dai a importância de saraus como este. E que melhor intérpretes se poderiam encontrar que estes jovens entusiastas, que estes arautos do sentir profundo das nos-

sas canções e dos nossos poetas!

Maria Odete, recitando António Gedeão, Alvaro Feijó, Manuel da Fonseca e Sebastião da Gama, transformando o alcance espiritual dos seus originais em presença vivificante, deu-nos a poesia; José Afonso, Rui Pato, a frescura irrealizável da canção regional, dos costumes e acontecimentos refundidos em canção, na melhor estrofa do cancionário de antanho; Carlos Paredes, Fernando Alvim, um duo de guitarra e viola, único, de uma projecção internacional bem merecida, com um Paredes sempre insatisfeito, procurando tirar ainda melhores efeitos da sua guitarra, numa peccata aliciente e inédita, nos nossos dias; Teresa Paula Brito, uma voz quente, nostálgica e comunicativa, num apontamento precioso em duas canções.

Sim, que melhores intérpretes serão estes, e um Adriano Moreira de Oliveira, ou um Mário Barroso, que, por nosso desgosto, não puderam actuar! Que continuem, que mesmo com obstáculos, com cansaças inúmeras, continuem, que tenham sempre como José Afonso, já exausto, já depois de muitas canções, ainda um sorriso nos lábios, e mais uma canção, para um público carinhoso, mas, por vezes, demasiadamente exigente (não porque não reconheça esse esforço, mas porque o entusiasmo se sobrepõe à razão), que vibra e o acompanha num coro afinado e espontâneo, e que ficará a dizer, para nosso apreço e de todos, organizadores e executantes: «esta foi uma das noites mais felizes da minha vida».

Vitor Cardoso

Jornal do Barreiro

1967

23-11-1967

Fig. 19
Sarau de música e poesia (1967)

Outros certames desta natureza foram realizados após o 25 de Abril, que pelo êxito assinalável obtido, e por terem contribuído para a unidade e fortalecimento de todos os amantes do cineclubismo e do CCB, vale a pena serem referidos: “Conversas com Músicos” em 1992, bem como o recital de poesia e o concerto musical, integrados no 42.º aniversário do CCB, em 2000.

Palestras e colóquios integraram igualmente os seus programas de actividade, protagonizadas por celebridades ligadas a temáticas específicas, como a fotografia, a pintura, a música, a poesia, a condição feminina, a guerra, a criança, entre outros. Os assuntos em destaque eram diferenciados, alguns visavam denunciar situações ocultas que marcavam a realidade na altura, outros tinham como finalidade prestar homenagem a personalidades ligadas à arte e à cultura. Neste sentido, no período de Janeiro a Abril do ano de 1966, o CCB levou a efeito, com o patrocínio da Câmara Municipal do Barreiro, um programa com palestras, colóquios e sessões, no âmbito do ciclo “Novo Cinema Português”, entre os quais se destaca o filme “Belarmino”, realizado por Fernando Lopes e fotografado integralmente por Augusto Cabrita, com o intento de prestar homenagem a este fotógrafo barreirense, outrora merecedor do prémio da “Melhor Fotografia de Cinema de 1964”.

Subordinado ao tema “Distracção e Estruturas Sociais”, merece ainda ser citado o colóquio conduzido pelo entusiasta professor José Esteves, conhecedor do desporto praticado no Barreiro, em 13 de Maio de 1967.

Outras actividades da autoria do CCB merecem ser referidas, pelo peso que tiveram na sua história, designadamente exposições, entre as

quais destacamos a exposição de fotografia de Eduardo Gageiro patente ao público na sede do CCB, em três períodos temporais distintos: entre Setembro e Outubro de 1967, em Outubro de 1971, e integrado nas comemorações do “Dia da Cidade”, em 2001; a exposição de gravura de Almeida e Sousa realizada no mesmo local, no período de 8 a 16 de Julho de 1972 e a exposição de pintura a óleo e aguarelas, em 1992, onde com base nesta, foi realizado um ciclo de cinema com obras do Centro Italiano de Cultura.



Fig. 20 - Programa da exposição de Eduardo Gageiro.

A arte da representação mereceu igualmente a dedicação do CCB, com a criação de um Grupo Cénico de Teatro, o qual se destacou pela sua participação no Concurso de Arte Dramática das Colectividades, realizado na SIRB (Penicheiros), em 14 de Agosto de 1968, com a peça “A Mordaça”, de Alfonso Sastre. Da participação neste concurso promovido pelo S.N.I., foi o Grupo Cénico do CCB merecedor de quatro “Menções Honrosas”. Nesta sequência, a partir de 1972, foram várias as sessões de teatro de fantoches, também realizadas pelo CCB.

A par destas actividades, também as excursões merecem ser referenciadas por terem feito parte da actividade do CCB desde o início, como forma de promover o convívio entre os associados. Importa ainda referir a Biblioteca organizada em 1967, com livros oferecidos pelos sócios.

Actividade editorial

Como suplemento à actividade cultural, a elaboração de edições mereceu, desde sempre, especial atenção e dedicação dos dirigentes da associação, por considerarem as mesmas o melhor meio de divulgação e expansão da cultura cinematográfica. De facto, a sua actividade ficou assinalada pelo programa n.º1, datado de 29 de Janeiro de 1960, editado especialmente para a Sessão Inaugural. Em 21 de Abril do mesmo ano, deu-se início à publicação da página “Manivela” no Jornal do Barreiro, da autoria de Vítor Cardoso, coadjuvado por Miguel Eusébio e Vicente Bolina. Importa referir que entre 1963 e 1970, Vítor Cardoso foi também responsável pela coordenação da página “Cine 63”, no Jornal do Barreiro, com o objectivo de “defender e propagar o verdadeiro cinema digno desse

nome”, na qual através da rubrica “Guia do Espectador”, referenciava filmes de interesse cultural, estreias e sugestões.

TEATRO

Sexta - Feira, 9 de Agosto

Pelos 21,30 Horas

O Grupo Cénico do Cine Clube do Barreiro

Dar-nos-à o seu ensaio geral Completo da Peça

EM SEIS QUADROS E UM EPÍLOGO

Do célebre Dramaturgo **ALFONSO SASTRE**

A MORDAÇA

ENTRADA FRANCA

Quarta-Feira, 14 de Agosto

Grande Espectáculo

Pelo referido Grupo Cénico com a referida peça para o
concurso do S. N. I. com a presença do
Exmo. Júri de Classificação.

Entrada reservada para sócios das Colectividades, em especial da
SOCIEDADE DEMOCRÁTICA UNIÃO BARREIRENSE
e do
CINE CLUBE DO BARREIRO

Fig. 21
Programa do concurso de Arte Dramática das
Colectividades (1968)

Entre 1962 a 1974, foram produzidos vários números de Boletins Informativos com a programação e textos sobre os filmes a exhibir, que a par de inúmeras folhas soltas sobre os mesmos, eram distribuídos gratuitamente aos associados antes de cada sessão.

As décadas de 60/70, ficaram marcadas por uma colecção de Cartazes de propaganda alusivos aos filmes que eram projectados, autênticas obras de arte, executados pelos associados José Cândido, Daniel Cabrita, Tony, Eugénio Bento, Eduardo Medeiros, e outros elementos do CCB, que pela sua relevante forma de expressão artística e originalidade, não só dão sentido ao trabalho cultural realizado no universo associativo, como constituem indubitavelmente, um legado a preservar.



Fig. 23
Boletim Informativo,
10º aniversário do CCB.

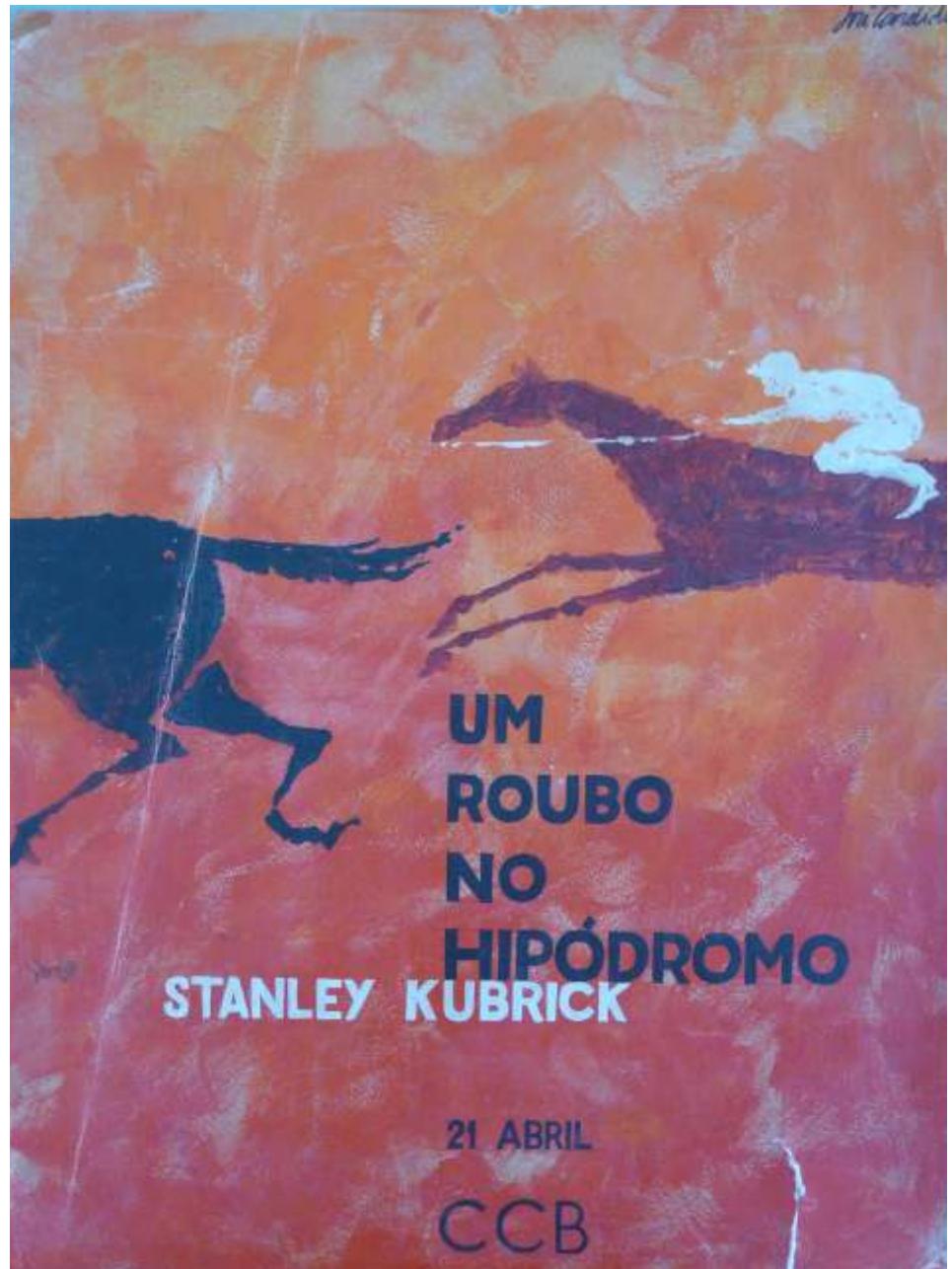


Fig. 24
Cartaz da autoria de José Cândido.
Cota: CCB/A/02/Cx.01- 1958/08

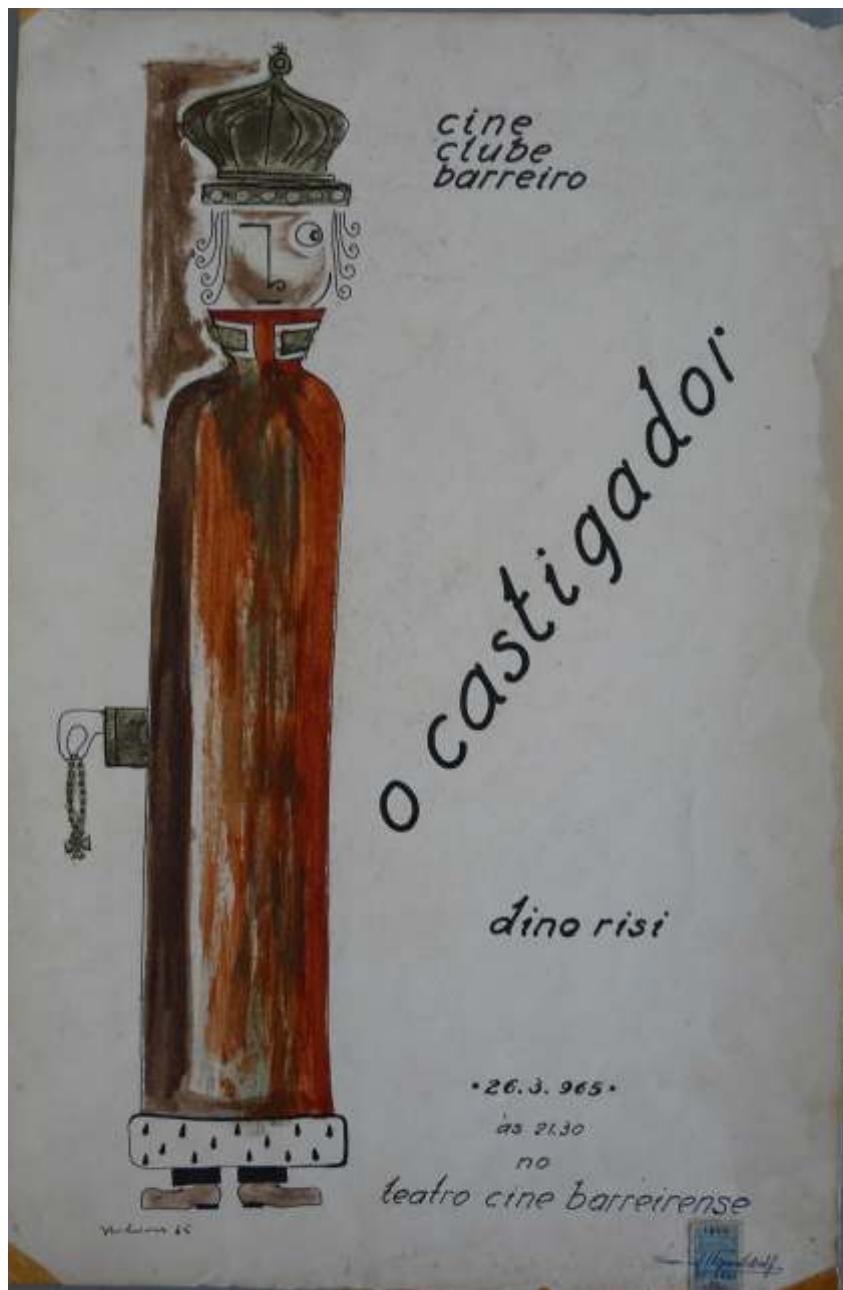


Fig. 25
Cartaz da autoria de Medeiros (1965)
Cota: CCB/A/02/Cx.01- 1958/08

Posteriormente, outras publicações mereceram a dedicação e o esforço do CCB, tais como o Boletim “Cineclubismo”, editado no período de 1983 e 1985, e ainda a Revista “Voz Off”, editada com o apoio da CMB, no período de 1995 a 2002 respectivamente. Paralelamente a estas, outras publicações foram editadas pontualmente, como sendo o caso da brochura sobre a história dos 40 anos do CCB, em 1998. Embora de forma irregular, o CCB tem feito, desde sempre, um grande esforço por editar instrumentos de apoio e divulgação das suas actividades.

Epílogo

No período antecedente ao 25 de Abril de 1974, o panorama geral das actividades dos cineclubes exprimiam um cariz progressista, por representarem uma parte da população consciente, resistente e altamente motivada para transformar a sociedade tradicional da época, características que condicionaram a sua expansão e desenvolvimento. A par das dificuldades de cariz político, a exiguidade financeira e escassez de meios, motivada pela inexistência de apoios do poder central, condicionaram a ampliação do leque de actividades do CCB, que contava sobretudo com o apoio da autarquia local e dos seus associados. Estes representavam o seu suporte, não apenas financeiro e estrutural, mas também funcional, por serem os responsáveis pela efectivação das suas actividades, que apesar do esforço e dedicação, revelavam-se insuficientes, face aos pesados encargos e restrições que oneravam sobre a realização das sessões, bem como tantas outras despesas inerentes à sua organização e funcionamento.



*Fig. 26 - Jovens na preparação das sessões de cinema.
Cota. CCB/A/01/Cx.01- 1990/09*

No período que se seguiu ao 25 de Abril de 1974, a actividade do CCB sofreu algumas restrições por acção directa dos seus dirigentes e associados, que por motivos particulares e/ou profissionais, distanciaram-se um pouco da vida do CCB. Esta situação levou a que, a partir da década de 80, fossem desenvolvidas novas formas de organização interna do CCB, sobretudo ao nível das reuniões dos membros de direcção. Ao invés do passado, em que a natureza e o interesse dos assuntos que constituíam a ordem de trabalhos, determinava a regularidade das reuniões a realizar, estas passaram a ser realizadas anualmente, no fim ou início de cada ano civil, tal como acontece na actualidade. Estas reuniões visam, entre outras questões, a apreciação e votação do Relatório e Contas de Gerência do ano transacto, a eleição dos Corpos Gerentes para o ano seguinte, um maior controlo da situação dos sócios e a programação de novos projectos a desenvolver. Sobretudo a partir dos anos 90, de forma sistemática, o Presidente de Direcção vem intervindo com considerações sobre a situação geral do CCB, as actividades realizadas ao longo do ano, e actividades a realizar no ano subsequente. Estas reflexões impõem-se como indispensáveis face à diversidade cultural emergente nas últimas décadas.

Após os anos 80, a emergência do vídeo, das tecnologias e das salas de cinema, impuseram-se como alternativas cada vez mais atractivas, em detrimento do cinema tradicional, que gradualmente foi perdendo o lugar de destaque, outrora assumido junto da população barreirense. Contudo, o esforço para agradar ao público e enfrentar os novos desafios por parte do CCB, bem como levar a cabo uma regular e diversificada programação no âmbito do cinema e vídeo, continua a ser uma evidência, ao colaborar

activamente com entidades várias para a divulgação de um cinema de qualidade e animação cultural, nas suas diversas vertentes. Para o CCB esta representa a forma correcta, futura e responsável, para promover o movimento cineclubista³². Neste contexto, é assinalável o encontro de cineclubes ocorrido no Barreiro em 1989, ao qual deu especial destaque o Jornal “O Setubalense”, aquando o 29.º aniversário do CCB, em que se debateu o tema “Movimento Cineclubista para quê hoje?”, que contou com a presença de dirigentes de alguns cineclubes do país, com destaque para Artur de Carvalho, Presidente da Federação Portuguesa de Cineclubes; a participação do CCB na “Animaio/97”, integrado na Feira da Educação da Península de Setúbal, e “Mostras Vídeo Barreiro” com a realização de ciclos de cinema português e estrangeiro.

A partir de 1995, a constituição dos Corpos Gerentes do CCB por um grupo de jovens com capacidade, criatividade, e uma enorme vontade de intervir nas actividades da associação, impulsionaram a sua renovação e revitalização, com destaque para a animação regular do “Barreiro velho”. Esta situação comprova que apesar dos períodos difíceis por que tem passado o CCB, a dedicação dos sócios, desde os mais antigos aos mais recentes, têm assegurado com determinação e empenho, a sua continuidade³³.

³²Planos e Relatórios de Actividade,
Cota: CCB/D/A/01/Cx.01 – 1972/2008
Jornal do Barreiro, 23-11-1967

³³“40 Anos - Cine Clube do Barreiro,
1958-1998”, ed. CCB, Barreiro, 1998,
p.27



CINE - CLUBE DO BARREIRO

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O EXERCÍCIO DE 1999

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	Afonso Marcos Jesus Alves
Vice-Presidente	Walter Contreiras
Secretário	Fernando Carneiro

CONSELHO FISCAL

Presidente	Pedro Santarém
Relator	Sofia Martins
Vogal	Isabel Flório

DIRECÇÃO

Presidente	Armando José da Cunha Santos
Vice-Presidente	António Manuel Alcácer
Tesoureiro	Mário Nunes Castanheira
1º Secretário	José Manuel Fernandes
2º Secretário	Pedro Valegas Nunes
1º Vogal	Joana Azevedo
2º Vogal	Ana Sofia Figueiredo

Fig. 27
Eleição dos corpos gerentes (1999)

**Comemorações do 50º Aniversário
do Cineclube do Barreiro**

17 de Janeiro de 2009

**15h
debate “o Cineclubismo”**

**Local: Auditório Municipal
Augusto Cabrita**

**Painel: Manuel Augusto Arraujo, Crítico de Arte
Pedro Sena Nunes, Realizador de Cinema
João Paulo Macedo, Director do FIKE**

**Mostra de cinema Brasileiro pelas 18h,
participação FIKE**

Rua Almirante Reis nº 111, 2830-326 Barreiro
cineclubebarreiro@gmail.com | <http://ccbarreiro.blogspot.com/>

*Fig. 28
Programa de comemoração dos 50 anos.*

Actualmente, o CCB continua a ter um importante papel no contexto da dinamização da vida cultural e associativa a nível local e nacional, visando a realização de projectos comuns de acordo com as exigências e objectivos propostos, a saber: o amistoso relacionamento com a FPCC e com outros cineclubes do país; a colaboração com entidades externas, tais como a Amascultura, Associação de Municípios para a área sociocultural e a FIKE, Festival Internacional de Curtas-Metragens; a estreita relação com a Câmara Municipal do Barreiro, com a qual celebrou um protocolo para a realização de sessões regulares no Auditório Municipal Augusto Cabrita (AMAC), e programas pontuais, como cinema ao ar livre, quer no convento da Verderena quer no Parque da Cidade, e ainda actividades no âmbito da “Quinzena da Juventude”, dirigidas aos jovens, fomentando nestes o gosto e a prática pela realização de filmes. E ainda, a relação harmoniosa com as Juntas de Freguesia do Barreiro, as escolas locais, colectividades, associações, e muitas outras, situação conducente ao intercâmbio e desenvolvimento sociocultural no concelho³⁴.

Por tudo o que foi dito, que representa apenas um resumo da obra cultural e pedagógica que esta associação tem vindo a construir no concelho, também acreditamos que “*o Cine Clube do Barreiro terá certamente o merecido prémio, não hoje, nem amanhã, mas talvez no futuro*”³⁵.

³⁴Actas da Assembleia Geral.

Cota: CMB/A/03/Lv.04-1991/2010

³⁵Jornal do Barreiro, nº739, 28-1-1965

Caracterização do fundo documental

“Constituem o património arquivístico os documentos, qualquer que seja a sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma entidade pública ou privada no exercício das suas funções”³⁶. Inicialmente os documentos são conservados a título de prova ou mera informação. Mais tarde, desde que considerados documentos com valor permanente, devem ser considerados documentos com interesse histórico, para que possam ser consultados por investigadores e cidadãos em geral. No seguimento deste pressuposto arquivístico, também a documentação que constitui o espólio do CCB, pela sua relevância social e cultural, deve ser considerada de elevado valor secundário, histórico/cultural, não somente para a associação, mas também para a história do concelho.

Localizado na cidade do Barreiro, o CCB sempre se dedicou a actividades culturais e pedagógicas, desenvolvendo diversos projectos ao longo de mais de 50 anos de existência, segundo o contexto histórico-social de cada momento e a capacidade empreendedora dos seus dirigentes. Da sua intensa actividade, foi sendo produzida e recebida documentação, numa primeira fase, na sede provisória, e a partir de 1967, no edifício que hoje conhecemos. Estas alterações de espaço físico, tiveram naturalmente repercussões directas na documentação guardada pelo CCB, sobretudo ao nível das características ambientais e físicas indispensáveis à sua preservação. Situado no rés-do-chão, o espaço que actualmente constitui as instalações do CCB, é ocupado por uma sala onde são projectados os filmes, para uma assistência que pode atingir os 50

³⁶Alves, Ivone, [et al], Dicionário de Terminologia Arquivística, Ed. Biblioteca Nacional, Lisboa, 1993, p.

lugares sentados, uma sala de trabalho da Direcção, instalações sanitárias e um espaço destinado a “arrumações”, encontrando-se neste o fundo documental do CCB. Este local, que embora não apresente as condições ideais para acolher um fundo documental, tem oferecido as condições mínimas à conservação da documentação gerada ao longo da sua vida. È, que, apenas seis livros de contabilidade, por se encontrarem ilegíveis, devido ao adiantado estado de deterioração, foram eliminados.

Neste sentido, a documentação mais antiga que constitui o fundo documental do CCB, data da sua fundação, da qual se destacam livros de registo, cartazes, fotografias, desenhos de crianças que assistiam aos filmes infantis, películas de filmes, cassetes de áudio e diversa documentação em suporte de papel, resultantes da sua actividade.

Tratamento e organização da documentação

A compreensão por parte dos dirigentes do CCB, das vantagens que se lhes oferece um arquivo bem organizado, quer para a sua gestão quer para a continuidade da sua identidade, conduziu à salvaguarda do valioso património documental histórico do CCB. Nesta perspectiva, o Protocolo assinado entre a Câmara Municipal do Barreiro e o Cine Clube do Barreiro, aos quatro dias do mês de Julho de 2009, conferiu ao Arquivo Municipal a responsabilidade de organizar, conservar e divulgar os documentos histórico-culturais desta associação, os quais constituem o seu espólio documental. Nesta sequência, no último trimestre de 2009, o Arquivo Municipal iniciou um conjunto de operações sequenciais, conducentes ao resultado pretendido. Numa primeira fase, foi feito um

levantamento da documentação que constitui o seu espólio documental, o qual consistiu na numeração sequencial de cada unidade de instalação (pastas, maços, caixas, etc.). De seguida, procedeu-se ao registo dessa numeração, bem como do título associado a cada número, ou na falta deste, do assunto predominante. Esta fase foi concluída com a criação de uma listagem das informações recolhidas, registada numa base de dados em suporte digital.

Posteriormente, toda a documentação foi transferida para o Arquivo Municipal, onde se deu início às operações que integram o processo de tratamento arquivístico. Em primeiro lugar, foi feita a desinfestação e a higienização de toda a documentação acumulada, operação essencial a partir da qual, se iniciou a organização da mesma. De seguida procedeu-se à selecção da documentação, que culminou com a separação da documentação produzida pelo CCB da documentação produzida por outras entidades, e ainda, na eliminação de duplicações de documentos que existiam. A avaliação da documentação foi a operação que se seguiu, que se traduziu na análise e determinação do valor arquivístico dos documentos, muitos deles de interesse histórico e, na criação de grupos de documentos com características semelhantes como, por exemplo, o mesmo assunto. Para a organização intelectual da documentação, foi elaborado um Plano de Classificação, contemplando não apenas os grandes temas, mas também as séries e subséries, para que estas reflectam as funções e actividades do CCB.

Seguidamente, procedeu-se à organização física dos documentos, que consistiu no acondicionamento dos mesmos em pastas de arquivo adequadas e, a colocação destas em depósito, devidamente classificadas,

com a identificação do CCB, o título da série e/ou subsérie, o âmbito cronológico (a data mais antiga e a mais recente), elementos essenciais para a sua posterior recuperação. A identificação indica-nos a sua localização, o assunto, a informação pretendida, o que torna mais célere a sua difusão. O fundo documental do CCB, agora organizado e tratado, permite a reconstituição da sua memória enquanto associação cultural, da história local onde se insere e das pessoas que estiveram ligadas à mesma. Assim sendo, o fundo documental do CCB, constitui indubitavelmente, um núcleo de material essencial para pesquisa, quer para investigadores, quer para eventuais interessados ou meros curiosos.

CM - P24



CINECLUBE DO BARREIRO

CCB/E/A/03

PROGRAMAÇÃO E REALIZAÇÃO DE ACTIVIDADES

1983/2008

CL-01



CINECLUBE DO BARREIRO

CCB/E/A/03

PROGRAMAÇÃO E REALIZAÇÃO DE ACTIVIDADES

1983/2008

CL-02



CINECLUBE DO BARREIRO

Correspondência Resposta e Expedida

1983/1971

CL-03



CINECLUBE DO BARREIRO

Correspondência Resposta e Expedida

1983/1979

CL-04



CINECLUBE DO BARREIRO

Correspondência Resposta e Expedida

1983/1975

CL-05



CINECLUBE DO BARREIRO

Correspondência Resposta e Expedida

1976/1975

CL-06



CINECLUBE DO BARREIRO

Correspondência Resposta e Expedida

1972/1980

CL-07



CINECLUBE DO BARREIRO

Correspondência Resposta e Expedida

1972/1980

CL-08



CINECLUBE DO BARREIRO

Correspondência Resposta e Expedida

1987/1987

CL-09

CM - P32



CINECLUBE DO BARREIRO

Correspondência Resposta e Expedida

1983/1981

CL-10



CINECLUBE DO BARREIRO

Correspondência Resposta e Expedida

1984/1980

CL-11



CINECLUBE DO BARREIRO

CCB/R/A/01
Correspondência Resposta e Expedida

1988/1988

CL-12



CINECLUBE DO BARREIRO

CCB/R/A/03
Correspondência Resposta e Expedida

1988/2008

CL-13



CINECLUBE DO BARREIRO

DOCUMENTOS DE BARREIRO

1988/1975

CL-14



CINECLUBE DO BARREIRO

DOCUMENTOS DE BARREIRO

1972/1978

CL-15



CINECLUBE DO BARREIRO

DOCUMENTOS DE BARREIRO

1972/1987

CL-16



CINECLUBE DO BARREIRO

DOCUMENTOS DE BARREIRO

1988/1988

CL-17



CINECLUBE DO BARREIRO

DOCUMENTOS DE BARREIRO

1988/1988

CL-18

CM - P40



CINECLUBE DO BARREIRO



CINECLUBE DO BARREIRO



CINECLUBE DO BARREIRO



CINECLUBE DO BARREIRO



CINECLUBE DO BARREIRO



CINECLUBE DO BARREIRO



CINECLUBE DO BARREIRO



CINECLUBE DO BARREIRO



CINECLUBE DO BARREIRO

FUNDO ARQUIVÍSTICO DO CINE CLUBE DO BARREIRO

Título: Cine Clube do Barreiro

Datas Extremas: 1958-2008

Nível de Descrição: Séries/Subséries

Dimensão e suporte: 13 metros lineares de documentação distribuída em: 67 Caixas/papel; 17 Livros/papel; 36 Cartazes originais/desenhados e pintados; 60 Cartazes impressos/papel; 143 Fotografias; Filmes/películas; Cassetes/áudio; Biblioteca. Subfundo de Vasco Granja: 2 Caixas/papel (documentação sobre cinema e banda desenhada).

Âmbito e conteúdo: Documentação produzida e recebida pelo Cine Clube do Barreiro, no exercício das suas actividades e funções.

Sistema de organização: Fundo subdivide-se em 4 Secções: 1- Acervo documental; 2- Acervo Bibliográfico; 3- Acervo Iconográfico; 4- Acervo Audiovisual. Subfundo: Espólio de Vasco Granja: 2 Caixas/papel.

Anotações:

a) O acervo audiovisual e a biblioteca foram, no âmbito deste trabalho, incluídos no fundo arquivístico do CCB, apenas como forma de referenciar a sua existência que, embora se encontram na sede do CCB, também fazem parte do seu fundo documental. Mas, pelo facto de sobre os mesmos não termos desenvolvido qualquer operação arquivística, sobretudo ao nível de características e quantidades, estes não foram integrados no inventário final por nós executado;

b) Relativamente ao inventário, o qual compreende as séries, subséries e unidades de instalação, apenas foi considerado o campo “âmbito e conteúdo” para as séries que, no nosso entendimento, poderiam suscitar

algumas dúvidas quanto ao conteúdo da documentação que comportam;
c) Foram registadas as datas extremas (ex.1958-2008) nas unidades de instalação que contêm documentação com datas dispersas, o que significa que a documentação acondicionada nestas caixas está organizada cronologicamente, porém pode haver falhas de anos entre as datas extremas referidas.

Fundo Cine Clube do Barreiro

ACERVO DOCUMENTAL

A – Gestão Institucional

01- Estatutos e regulamentos

02- Documentos identificadores do CCB

03 – Actas da Assembleia Geral

04 - Actas de Direcção

05 - Registo de presenças na Assembleia Geral

06 - Actividades dos corpos gerentes

B - Gestão Administrativa

B/A - Expediente

01 – Correspondência recebida e expedida

02 – Registo de correspondência expedida

C – Gestão dos Associados

01 – Informações aos sócios

02 – Propostas para sócios

03 – Fichas de sócios

04 – Cartões de sócios

05 – Registo de sócios



Fig. 30
Fichas dos primeiros sócios.

D – Gestão Financeira

D/A - Contabilidade

01 – Planos e relatórios de actividade

02 – Documentos de despesa

03 – Documentos de receita

04 – Registo da receita e da despesa

05 – Contas correntes com instituições bancárias

E – Actividades e Iniciativas

E/A – Actividade cinematográfica

01 – Registo do exercício de actividade

02 – Confirmações de programação

03 – Programação e divulgação das actividades do CCB

04 – Controlo de projecções de filmes

05 – Textos de apoio às sessões de cinema

06 – Promoção e divulgação cinematográfica

07 – Actividades de outras instituições

E/B – Actividade complementar

01 – Concursos

02 – Formação cinematográfica

03 – Feira do livro

04 - Cooperação com agentes locais

F – Contencioso

01 – Processos de transgressão

ACERVO BIBLIOGRÁFICO

01 – Registo dos livros e periódicos

02 – Publicações periódicas

ACERVO ICONOGRÁFICO

01 – Fotografias

02 – Cartazes

03 – Brochuras/Desdobráveis/Postais/convites

SUBFUNDO DO CINE CLUBE DO BARREIRO

A – Espólio de Vasco Granja

01 – Publicações cinematográficas

INVENTÁRIO

ACERVO DOCUMENTAL

A – Gestão Institucional

01 – Estatutos e regulamentos

CCB/A/01//Cx.01 – 1958/83

Âmbito e conteúdo: Documentação textual relativa à constituição, organização e funcionamento legal e oficial do CCB, tais como estatutos e regulamento interno. Contém os estatutos iniciais elaborados em 1958 (cópia), a proposta dos novos estatutos e o regulamento interno para sócios, elaborados em 1983. Contém ainda, instrumentos legais de instituições inerentes à actividade do CCB, destacando-se os estatutos da FPCC e da Assembleia Popular.

02 – Documentos identificadores do CCB

CCB/A/02/Cx.01 – 1958/02

Âmbito e conteúdo: Documentação referente ao processo de renovação dos estatutos, incluindo documentos afectos ao registo do CCB, datados de 1958, bem como os registos e a escritura referentes aos novos estatutos e regulamento interno do CCB, datados de 2002. Contém também as propostas de desenhos para o símbolo da bandeira e logótipo do CCB, apresentadas pelos sócios no ano de 1980.

03– Actas da Assembleia Geral

CCB/A/03/Lv.01- 1960/68

CCB/A/03/Lv.02- 1968/81

CCB/A/03/Lv.03- 1981/91

CCB/A/03/Lv.04- 1991/10 (em utilização)

04 – Actas da Direcção

CCB/A/04/Lv.01 – 1965/71

CCB/A/04/Lv.02 – 1971/88

05 – Registo de presenças em Assembleia Geral

CCB/A/05/Lv.01 – 1967/79-2000

06 – Actividades dos corpos gerentes

CCB/A/06/Cx.01 – 1958/75

CCB/A/06/Cx.02 – 1976/09

CCB/A/06/Cx.03 – 1976/08

Âmbito e conteúdo: Documentação relativa ao processo de eleição dos corpos gerentes, como as listas dos candidatos. Contém documentação relativa à actividade dos elementos que constituem os órgãos de direcção do CCB, como: convocatórias, questionários, informação sobre a programação e actividades a desenvolver, registo de despesas, relatórios, reflexões sobre a situação do CCB, notas do conselho fiscal, propostas para reuniões, actividade formativa para dirigentes, actividade administrativa e, outros assuntos referentes à organização e funcionamento do CCB.

B – GESTÃO ADMINISTRATIVA

B/A - Expediente

01 – Correspondência recebida e expedida

CCB/B/A/01/Cx.01 – 1958/74

CCB/B/A/01/Cx.02 – 1958/73

CCB/B/A/01/Cx.03 – 1958/76

CCB/B/A/01/Cx.04 – 1976/79

CCB/B/A/01/Cx.05 – 1976/84

CCB/B/A/01/Cx.06 – 1979/82

CCB/B/A/01/Cx.07 – 1981/85

CCB/B/A/01/Cx.08 – 1983/87

CCB/B/A/01/Cx.09 – 1984/89

CCB/B/A/01/Cx.10 – 1989/09

CCB/B/A/01/Cx.11 – 1999/09

Âmbito e conteúdo: Documentação recebida e expedida pelo CCB, reunida ao longo da sua actividade. Contém correspondência trocada com entidades de natureza diversa, locais, nacionais e estrangeiras, ligadas à cultura e espectáculos, a saber: FPCC, Direcção Geral da cultura e espectáculos, Embaixadas, Institutos, Cinemateca, colectividades, clubes, associações, Cineclubes, Bombeiros, entre tantas outras.

02 - Registo de correspondência expedida

CCB/B/A/02/Lv.01- 1984

C – GESTÃO DOS ASSOCIADOS

01 – Informações aos sócios

CCB/C/01/Cx.01- 1958/08

02 – Propostas para sócios

CCB/C/02/Cx.01- 1965/89

03 – Fichas de sócios

CCB/C//03/Cx.01 (organização por número de sócio)

CCB/C//03/Cx.01 (organização por número de sócio)

04 – Cartões de sócios

CCB/C/04/Cx.01- (organização por apelido de sócio)

05 – Registo de sócios

CCB/C/05/Lv.01- 1974/94

D – GESTÃO FINANCEIRA

D/A – Contabilidade

01- Planos e relatórios de actividade

CCB/D/A/01/Cx.01- 1972/08

Âmbito e conteúdo: Documentação relativa aos planos e relatórios de actividade do CCB, bem como, contas de gerência, pareceres do conselho fiscal, propostas e orçamentos.

02 – Documentos de despesa

CCB/D/A/02/Cx.01 - 1968/70

CCB/D/A/02/Cx.02 - 1970/79

CCB/D/A/02/Cx.03 - 1971/77

CCB/D/A/02/Cx.04 - 1980/83

CCB/D/A/02/Cx.05 - 1983/87

CCB/D/A/02/Cx.06 - 1988/91

CCB/D/A/02/Cx.07 - 1992/94

CCB/D/A/02/Cx.08 - 1995/00

CCB/D/A/02/Cx.09 – 2001/03

Âmbito e conteúdo: Documentação constituída por recibos e facturas referentes a despesas inerentes ao funcionamento do CCB, tais como, despesas de manutenção do espaço, do equipamento e do pessoal, bem como despesas relacionadas com a exibição de filmes, despesas de deslocação, e outras de natureza diversa.

03 – Documentos da receita

CCB/D/A/03/Cx.01- 1975/84

CCB/D/A/03/Cx.02- 1985/03

Âmbito e conteúdo: Documentação constituída por recibos e informações sobre a receita entrada no CCB, sobretudo proveniente das cotas dos sócios.

04 – Registo da receita e da despesa

CCB/D/A/04/Lv.01- 1981/82

CCB/D/A/04/Lv.02- 1983/85

CCB/D/A/04/Lv.03- 1985/86

CCB/D/A/04/Lv.04- 1987/89

CCB/D/A/04/Lv.05- 1988/92

CCB/D/A/04/Lv.06- 1989/91

CCB/D/A/04/Lv.07- 1993/96

CCB/D/A/04/Lv.08- 1997/00

05 – Contas correntes com instituições bancárias

CCB/D/A/05/Cx.01- 1981/93

E – ACTIVIDADES E INICIATIVAS

E/A – Actividade cinematográfica

01 – Registo do exercício de actividade

CCB/E/A/01/Cx.01- 1960/74

02 – Confirmações de programação

CCB/E/A/02/Cx.01- 1958/80

Âmbito e conteúdo: Documentação referente a filmes a exhibir no CCB. Inclui também confirmações de aluguer de filmes.

03 – Programação e divulgação de actividades do CCB

CCB/E/A/03/Cx.01- 1958/08

CCB/E/A/03/Cx.02- 1958/08

Âmbito e conteúdo: Documentação relativa às actividades desenvolvidas pelo CCB, tais como: propostas de actividades, programação, informações trocadas visando a realização de actividades, etc.

04 – Controlo de projecções de filmes

CCB/E/A/04/Cx.01- 1977/81

Âmbito e conteúdo: Documentação referente ao controlo de projecção de filmes pelo CCB, desde o tipo de filme, o projeccionista, o assistente, o tempo de duração e data da exibição.

05 – Textos de apoio às sessões de cinema

CCB/E/A/05/Cx.01- 1963/96

Âmbito e conteúdo: Documentação referente a textos de apoio às sessões exibidas, como sinopses, antologias, resumos, relatórios, comentários e outros. Inclui folhas soltas distribuídas pelos sócios.

06 – Promoção e divulgação cinematográfica

CCB/E/A/06/Cx.01- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.02- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.03- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.04- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.05- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.06- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.07- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.08- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.09- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.10- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.11- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.12- 1958/08

CCB/E/A/06/Cx.13- 1958/08

Âmbito e conteúdo: Documentação publicitária das indústrias cinematográficas, sobre filmes disponíveis, nacionais e estrangeiros, para exibição. Inclui catálogos e listas de filmes de natureza diversa, incluindo filmes considerados de valor excepcional, destinados a sessões clássicas e a Cineclubes.

07 – Actividades de outras instituições

CCB/E/A/07/Cx.01- 1958/08

CCB/E/A/07/Cx.02- 1958/08

CCB/E/A/07/Cx.03- 1958/08

Âmbito e conteúdo: Documentação referente a iniciativas desenvolvidas por entidades locais e nacionais, sobretudo de outros cineclubes, como programação, boletins, cartazes, revistas de cinema, e outros.

E/B – Actividades complementares

01 – Concursos

CCB/E/B/01/Cx.01 – 1978

02– Formação cinematográfica

CCB/E/B/02/Cx.01 – 1966/08

03 – Feira do livro

CCB/E/B/03/Cx.01 – 2002/03

Âmbito e conteúdo: Documentação resultante do processo de preparação da iniciativa referida, de autoria do CCB. Inclui correspondência trocada com editoras, mostras editoriais das mesmas, listas de obras a disponibilizar para participar na actividade, facturas de liquidação às

respectivas editoras, pedidos de apoio logístico, e outros.

04 – Cooperação com agentes culturais locais

CCB/E/B/04/Cx.01- 1958/08

Âmbito e conteúdo: Documentação resultante do apoio cultural e lúdico a entidades locais, com destaque para a Casa da Cultura da Quimigal e da Assembleia Popular.

F – Contencioso

01 – Processos de transgressão

CCB/F/01/Cx.01- 1968

Âmbito e conteúdo: Documentação referente ao processo aplicado ao CCB por incumprimento de falta de “vistos” nos programas apresentados, como notificações, e outras informações. Contém o recurso interposto por parte do CCB.

ACERVO BIBLIOGRÁFICO

01 - Registo dos livros e periódicos

CCB/01/Lv.01 – 1970/71

Âmbito e conteúdo: Documentação que comporta o registo de livros e dos periódicos que constituem a biblioteca do CCB, no período indicado.

02 – Publicações periódicas

CCB/02/Cx.01 – 1959/02

Âmbito e conteúdo: Coleção de publicações produzidas pelo CCB no decorrer da sua actividade, tais como: Boletins informativos e especiais; página no Jornal do Barreiro, intitulada “Manivela”; página no Jornal do Barreiro intitulada “Cine 63”; Revista “Cineclubismo”; Revista “Voz Off”; Textos de apoio às edições bibliográficas; Recortes de jornal.

ACERVO ICONOGRÁFICO

A – Material gráfico

01 - Fotografias

CCB/A/01/Cx.01 – 1990/09

02- Cartazes

CCB/A/02/Cx. 01- 1958/08 (originais)

CCB/A/02/Cx.02 – 1958/08

03 – Brochuras/desdobráveis/postais/convites

CCB/A/03/Cx.01 – 1958/08

SUBFUNDO DO CINE CLUBE DO BARREIRO

A – Espólio de Vasco Granja

01 – Publicações cinematográficas

CCB/A/01/Cx.01 – 1958/08

CCB/A/01/Cx.02 – 1958/08

Âmbito e Conteúdo: Série constituída por documentação alusiva ao cinema e banda desenhada, tais como jornais, revistas, artigos publicitários, cinema infantil, entre outros.

Ficha técnica:

Título | *Guia Documental do Arquivo do Cine Clube do Barreiro*

Caderno 04/2011 – DBA/CMB

Edição | *Câmara Municipal do Barreiro*

Data | *Mai de 2010*

Concepção gráfica | *Divisão de Comunicação - Sector de Design Gráfico e Tipografia*

Câmara Municipal do Barreiro

N.º exemplares | *200*

Depósito Legal | *328 418/11*



Barreiro
Câmara Municipal
MAIO 2011